

Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações

ANTÓNIO MARQUES DE FARIA

R E S U M O

Neste artigo, procedemos ao estudo de alguns topónimos e antropónimos hispânicos pré-romanos não-indo-europeus, na sua maioria ibéricos. Alguns deles têm sido objecto de outras análises que tentaremos rebater nesta ocasião por não as considerarmos devidamente fundamentadas.

A B S T R A C T

In this article, we discuss the study of some Hispanic pre-Roman and non-Indo-European place-names and personal names, the majority of which is Iberian. Some of these have been the subject of analyses that we feel were not adequately substantiated, and for this reason, we will be refuting these analyses in this article.

O presente texto surge na sequência de vários outros que temos dedicado à onomástica pré-romana peninsular. Salvo raras excepções, as interpretações que aqui trazemos não constituem novidade. Achámos, todavia, conveniente retomá-las, reforçando-as, aqui e ali, com argumentos que não usámos em artigos anteriormente publicados. Foi também nossa preocupação citar todos os autores que nas duas últimas décadas se pronunciaram sobre os nomes em análise, mesmo aqueles que se limitaram a secundar o que outros haviam escrito.

abarildur̄. Moedas. Ceca indeterminada. *CNH* 203:1-9.

Velaza (1998a, p. 73), que vê em **abarildur̄** um NL, alega que **ildur̄**, o segundo componente da referida legenda monetária, é próprio de NNL. No entanto, este autor omite a ocorrência daquele mesmo elemento em diversos NNP: *BODONILVR* < **bodon-ildur̄*, **ildur̄-adin**, *ILLVR-TIBAS* < **ildur̄-tibaś*, **ildur̄-sair**, etc. (*MLH* III 1, p. 224). Por sua vez, **abar** é um elemento nominal que integra exclusivamente NNP: **abar-Ce-biotar** (C.0.2), *ABARCERIVS* (**abar-Cere*) (Gorochategui, 1984, p. 121, n.º 1; Faria, 1995a, p. 79), **abar-eścer** (F.13.1), **abar-Tar** (F.13.2), **abar-cis** (C.4.1), etc. Além do mais, ao contrário do que se verifica sistematicamente com as legendas topónimicas presentes nas moedas em caracteres ibéricos levantinos, a legenda agora considerada, excepto num dos divisores (curiosamente, não se conhecem unidades), nunca se localiza no

exergo sob os tipos de reverso (Faria, 1994a, p. 37, n.º 6). Estamos, por conseguinte, persuadidos de que, em vez de um NL (*MLHI* 1, p. 218; Siles, 1985, p. 30, n.º 24; *CNH*, p. 203; Pérez Almoquera, 1996, p. 38, 47; Collantes, 1997, p. 47; Quintanilla, 1998, p. 222; Llorens, 1998, p. 57; Velaza, 1998a, p. 73; Domínguez, 1998, p. 127; Untermann, 1998a, p. 80), **abarildur** deverá constituir um NP (Gómez-Moreno, 1945, p. 281, 1949, p. 279; Tovar, 1951, p. 287, 1977, p. 8, 1979, p. 479, n. 2; Beltrán, A., 1964, p. 25; Albertos, 1966, p. 2; De Hoz, 1980, p. 311; Gorrochategui, 1984, p. 121; Faria, 1994a, p. 37, n.º 6, 1995a, p. 79).

abuloraun. Mosaico. *Andelo* (Muruzábal de Andión, Navarra). Mezquíriz, 1991-1992, p. 365-357; *MLH IV*, K.28.1.

Da última vez que nos ocupámos do NP ibérico **abuloraun** (Faria, 1997a, p. 105-106), tivemos o ensejo de enumerar os filólogos que, até àquele momento, haviam estabelecido um corte *ad hoc* entre **abulo** e **raune** com o propósito de atribuir ao NP em análise uma origem celtibérica. Apresentamos a seguir uma relação, tão completa quanto possível, dos investigadores que, até hoje, recorreram ao mencionado expediente: Silgo (1993, p. 282-283, 286, 1996, p. 62), Gorrochategui (1993a, p. 424, 1994, p. 124, 1995a, p. 197), Untermann (1993-1994, p. 128, 1995a, p. 254, 1996d, p. 122, 146, *MLH IV*, p. 718-719), De Hoz (1995a, p. 73-74, 1995b, p. 278, 1995c, p. 30), Velaza (1995, p. 214, 1996a, p. 328, 1998b, p. 625), F. Beltrán (1995, p. 176, 1996a, p. 134, 1996b, p. 293, n. 41), Pérez Vilatela (1996, p. 521), M. Beltrán (1996, p. 144), Castillo (1997a, p. 134, 136 = 1997b, p. 302, 304), Gómez Pallarès (1997, p. 146), Valladolid (1997, p. 18, n. 13), Canto, Iniesta e Ayerra (1998, p. 78, n. 40), Burillo (1998, p. 267), Oroz (1999, p. 507, 531-532), Panosa (1999, p. 289) e Jaeggi (1999, p. 170). Apenas Velaza (1996a, p. 328, n. 53) e Oroz (1999, p. 532, n. 98) aludiram à interpretação que temos vindo a conferir ao supracitado NP, sem, contudo, aparentemente, lhe terem atribuído a mínima credibilidade. Consideramos particularmente lamentável, dadas as características da obra em causa, que Untermann (*MLH IV*, p. 718-719) tenha passado por cima dos nossos artigos sobre os textos dos mosaicos de La Caridad de Caminreal (Teruel) e de *Andelo* (Faria, 1992a, p. 193, 1992-1993, p. 278, 1993a, p. 157-158, 1994b, p. 68, 1997a, p. 105-106, 109); em todo o caso, sendo ambos indubitavelmente ibéricos, não se compreende qual a razão que levou Untermann a incluir estes dois textos num *corpus* de inscrições celtibéricas (De Hoz, 1999, p. 323).

abuloraune, que parece desempenhar a função de complemento indirecto da forma verbal **egien**, deve ser acrescentado aos exemplos da utilização do sufixo (de dativo) **-e** aduzidos noutras ocasiões (Silgo, 1992, p. 772-773, 1994, p. 151; Pérez Orozco, 1993a, p. 222; Faria, 1999, p. 154). Ao invés do que propúnhamos há um par de anos (Faria, 1998d, p. 231), parece-nos agora menos plausível a identificação deste sufixo com o que figura nalgumas inscrições votivas da Aquitânia (Gorrochategui, 1984, p. 326, 373; Trask, 1997, p. 402), já que o mesmo deverá corresponder a um dativo gaulês (Christol, 1992, p. 23, 25) ou, em alternativa, à desinência latina **-a(e)**, também de dativo (Jimeno, Tobalina e Velaza, 1998, p. 293).

As reservas que têm sido colocadas à ocorrência de NNP ibéricos trimembres (v. ultimamente Arasa e Izquierdo, 1998, p. 97; Panosa, 1999, p. 175) não encontram, em nosso entender, qualquer justificação, ultrapassando a dezena e meia os casos demonstrativos da sua existência (Faria, 1997a, p. 106): **abel-Cir-dican** (B.7.34), **adin-bo-beś** (Campmajo e Untermann, 1993, p. 514), **aiun-icar-bir** (G.14.1), BELSADINICOR (G.12.4) < **bels-adin-icor*, **bilos-leis-tiger** (B.7.35), **biur-ti-laur** (Untermann, 1996d, p. 133), **bor-bel-ior** (C.2.3), **Cares-bo-bigir** (F.13.3), **Caśs-uri-tu** (*CNH* 343:15-16), LESVRIDANTAR (*CIL* II 2900) < **les-uri-dantaś*, **co-beś-if** (Faria, 1997a,

p. 107), GESELANDEN (*IRMN* 58) < **geś-elan-din*, **nes-eldu-cu** (*CNH* 344:17-25), **sine-cun-sir** (Panosa, 1993, p. 216), SIR[A]STEIVN (*E. R. Ter.*, 5; *HEp* 6, 1996, 908a) < **sir-aste-iun*, THVRSCANDO (Canto, Iniesta e Ayerra, 1998, p. 77) < **turś-can-do* e **uśtal-ar-ilun** (F.9.5). Não é, tão-pouco, de menosprezar a quantidade de NNP ibéricos detentores de elementos antropónimos que fazem parte de **abuloraun** (Faria, 1993a, p. 157-158): **abu-(i)ldum** (D.3.1), **abo-bacef** (C.2.3), **abo-gi** (E.1.20-.23), **abo-co** (B.1.21), **abo-Cers** (Campmajo e Untermann, 1993, p. 514-515), **lor-sur** (B.7.35), **lor-saf** (B.7.36), **aibe-lor** (G.16.1) e **auntigi**/αυ(ν)τυγι, sendo este último NP por nós referido em diversos textos (Faria, 1992-1993, p. 278, 1993a, p. 158, 1994b, p. 66, 69) que terão escapado à atenção de Pérez Vilatela (1998).

Ao tratarmos de **abuloraun**, não nos devemos esquecer de **liCine**, nome do presumível autor dos mosaicos de Caminreal (E.7.1 = K.5.3) e de *Andelo* (Faria, 1997, p. 108, com bibliografia anterior). Até ao aparecimento do Bronze de Botorrita 3, havia sido advogada para o NP **liCine** uma origem ibérica (Vicente et al., 1991, p. 122, 1993, p. 755-756; Faria, 1992b, p. 193, 1993a, p. 157), celta (Pérez Vilatela, 1992, p. 352) ou latina: *Licinus* (García-Bellido, 1990, p. 72; Velaza, 1991b, p. 292; De Hoz, 1992, p. 336, n. 33, 1995c, p. 30; Pérez Vilatela, 1992, p. 352; Faria, 1994b, p. 68) ou *Licinius* (Untermann, *MLH* III 1, p. 205, 1993-1994, p. 127, 1996c, p. 184-185; García-Bellido, 1990, p. 72; Velaza, 1991a, p. 101, n.º 397, 1991b, p. 292; Faria, 1992b, p. 193; De Hoz, 1992, p. 336, n. 33; Pérez Vilatela, 1992, p. 352; Silgo, 1993, p. 283). Nos últimos anos, só porque o NP **liCinos** surgiu por seis vezes no Bronze de Botorrita 3, numerosos investigadores passaram a ver em **liCine** um NP celtibérico (Correa, 1994a, p. 269; Untermann, 1996c, p. 185, *MLH* IV, p. 648-649; Beltrán, F., 1995, p. 176 e n. 58bis, 1996a, p. 134-135, 1996b, p. 293, n. 43; Gorrochategui, 1995a, p. 195, 197; Rodríguez Ramos, 1999, p. 11). É bom não esquecer que María José Pena (1995-1996, p. 243), também sem trazer à colação qualquer outro argumento que não fosse a inclusão no Bronze de Botorrita 3 de quatro ou cinco indivíduos de nome **tolocu** (Untermann, 1996d, p. 160), conferiu a este NP, indubitavelmente ibérico (Faria, 1995b, p. 326, 1997a, p. 111; Untermann, 1996d, p. 160, *MLH* IV, p. 601), uma origem celtibérica.

Vimos no parágrafo anterior que, antes do aparecimento do Bronze de Botorrita 3, Jürgen Untermann (*MLH* III 1, p. 205, 1993-1994, p. 127, 1996c, p. 184-185) considerava **liCine** a iberização de *Licinius*, posição que ainda hoje conta com alguns apoiantes (Silgo e Sanjosé, 1996-1997, p. 93). Já havíamos, porém, anteriormente provado que “**likine** (...) não parece ser uma adaptação à escrita ibérica do *nomen* romano *Licinius*, porquanto os antropónimos com aquela origem terminados em *-ius* ostentam em ibérico o signo **i** em posição final (...). *Licinius* daria em ibérico ***likini** ou ***likinie**; no entanto, nenhuma destas formas se encontra atestada até agora neste signário” (Faria, 1993a, p. 157). Untermann (*MLH* IV, p. 649), que, ao invés do que pretendeu F. Beltrán (1996a, p. 134), nunca quis admitir que **liCine** pudesse corresponder a *Licinus*, traduziu para a língua alemã as conclusões a que havíamos chegado em 1993, mas entendeu dispensar a referência ao texto original: “**likine** ist nicht, wie ich *MLH* III.2,341 vermutet habe, der lat. Gentilname *Licinius* (als dessen iberisierte Form ohnehin eher **likini** oder **likinie** zu erwarten wäre) (...)”.

Voltando ao **liCinos** de Botorrita 3, nada nos impede de ver neste NP a celtiberização do ib. **ligine** ou do lat. *Licinus*, dada a significativa presença, no dito texto, não só de NNP ibéricos mas, mau grado o cepticismo de F. Beltrán (1996a, p. 137, 1996c, p. 70, 79 e n. 98), também de NNP latinos e gregos (Untermann, 1996d, 1998b). Esta celtiberização é admitida por Untermann (1997, p. 141-142), ainda que apenas para **ultinos** e **terkinos**: “el elemento importado sería *terkin-*, que vino “celtiberizado” insertándolo entre los temas en *-o-*, tal y como lo hemos asumido en el caso de **ultinos**” (Untermann, 1997, p. 142). Desconhecemos as razões que conduziram o

linguista alemão a excluir **liCinos** deste raciocínio, já que, em nosso entender, também este NP, “a primera vista celtibérico, cuyo núcleo recuerda elementos onomásticos ibéricos, puede revelarse como nombre importado e integrado en la gramática local” (Untermann, 1997, p. 141).

Até hoje, ninguém soube explicar por que razão iria um mosaicista celtibero, natural de uma cidade ibérica (**usecerde**), gravar num dos seus produtos uma inscrição igualmente ibérica (incluindo a forma do seu nome) numa cidade (Caminreal) e numa casa habitadas por gente de etnia e língua celtibéricas. Será que os Celtiberos comunicavam entre eles em língua ibérica? Este curioso fenómeno, a confirmar-se, levaria a atribuir ao ibérico, enquanto *lingua franca* (Beltrán, F., 1996a, p. 135), um predomínio esmagador entre as línguas pré-romanas peninsulares, predomínio esse que a abundante documentação epigráfica celtibérica está muito longe caucionar.

A exemplo do que sucede na inscrição de Caminreal, tão-pouco poderemos supor que na inscrição de *Andelo* haja algum elemento que não seja ibérico. Todavia, caso **liCine** e **abuloraune** conformassem NNP celtibéricos — o que não se nos afigura verosímil —, ter-se-ia que colocar exactamente a mesma questão suscitada em relação ao mosaico de Caminreal: por que razão usariam dois Celtiberos a língua ibérica para comunicarem um com o outro? Untermann (1995a, p. 254) tentou explicar o inexplicável recorrendo a uma argumentação nada convincente: “tal vez haya que deducir que la lengua ibérica tenía un prestigio especial entre los artesanos con clientela interregional como en otras épocas el francés entre los creadores de moda y el italiano entre los músicos”.

São, por conseguinte, bem maiores as probabilidades de o NP **liCine** designar um indivíduo ibérico (Vicente et al., 1991, p. 122, 1993, p. 755-756; Faria, 1992b, p. 193, 1993a, p. 157) ou, mais remotamente, latino (Untermann, *MLH* III 1, p. 205, 1993-1994, p. 127, 1996c, p. 184-185; García-Bellido, 1990, p. 72; Velaza, 1991a, p. 101, n.º 397, 1991b, p. 292; De Hoz, 1992, p. 336, n. 33, 1995c, p. 30; Pérez Vilatela, 1992, p. 352; Faria, 1992b, p. 193, 1994b, p. 68; Silgo, 1993, p. 283). Seja como for, regressando ao mosaico de Caminreal, não corresponde de modo nenhum à realidade que “[l]a primera palabra (*likinete*) fue interpretada por sus editores y primeros comentaristas [Vicente et al., 1993, p. 747-772] como la iberización del nombre latino *Licinius*” (Gorochategui, 1995a, p. 195). As dúvidas de Vicente et al. (1993, p. 755) relativas à existência de paralelos onomásticos ibéricos para **ligine** são, na nossa perspectiva (Faria, 1992b, p. 193, 1992-1993, p. 278, 1993a, p. 153, 157, 1997a, p. 109), destituídas de fundamento; recordemos aqui os NNP ibéricos que mais se aproximam de **ligine**: **becon-gine** (F.20.1), **betu-gine** (F.17.2), [L?]EIHAR < **li-Car* (TContr), *lei-tir* (G.9.5), **li-Cor** (E.1.396) e **tigírs-gine** (A.6.13) (Faria, 1993a, p. 153). Convém igualmente referir um outro exemplo do NP **ligine**, desta vez gravado num grafito sobre campaniense B (Pérez Vilatela, 1992, p. 352 e p. 354, Fig. 2), que, considerando quer o local de achamento — Valência — quer a natureza do suporte, só muito dificilmente poderá designar um Celtibero. Tão-pouco será aceitável que, numa cidade povoada sobretudo por imigrantes da península itálica, um destes inscrevesse num objecto de carácter privado o seu nome em escrita e língua ibéricas; tudo se conjuga, pois, para que o NP em causa seja efectivamente ibérico.

Não obstante o que alguns autores têm afirmado (Untermann, 1993-1994, p. 128; Gorochategui, 1995a, p. 196; Beltrán, F., 1996a, p. 134; Canto, Iniesta e Ayerra, 1998, p. 79), o sufixo **ars** — no caso vertente aplicado a **bilbili** (**bilbiliars** = *Bilbilitanus*), *origo* de **abuloraun** — não é inteiramente desconhecido na língua ibérica, encontrando-se atestado, ainda que com outro signo de vibrante, na legenda monetária **sesafs** (Asensio, 1995, p. 112). Talvez haja alguma relação linguística entre esta legenda e S(V)ESTATIO < S(V)E(S)-STATIO (*TIR*, K-30, p. 215), não se afigurando, em todo o caso, provável que a produção de numismas se tenha realizado nesta cidade dos Caristos.

A transliteração **bilbiliarn**, inicialmente uma gralha que afectou o texto de Untermann (1993-1994, p. 128), tornou-se num erro grosseiro ao surgir “consagrada” no recente livro de Jaeggi (1999, p. 170, 219, n.º 153)

ACIRGI. Marca de ânfora. La Catria (Lora del Río, Sevilha). Chic, 1985, p. 72.

Não é certo que esta marca, aposta em ânforas oleárias Dressel 20, corresponda a um NP, podendo ser colocada igualmente a hipótese de se tratar de um adjetivo de base toponímica: (*figlinae*) ACIRG(*ianae*) (Beltrán, M., 1970, p. 116, n.º 8; Stevani, 1998, p. 56), ACIRG(*iense*) (Remesal, 1977-1978, p. 104, n.º 16) ou ACIRGI(*tanis figlinis*) (Blanc-Bijon et al., 1998, p. 191, n.ºs 1063 e 1064). Em todo o caso, um tal NL teria sempre por base um NP (Beltrán, M., 1970, p. 116, n.º 8); inquestionável é, do nosso ponto de vista, a sua integração na onomástica ibérica, afigurando-se ACIR-GI a única segmentação plausível.

ACIR deve corresponder à parte inicial do NP feminino ACIRTILLA, documentado numa inscrição de Sagunto (Beltrán, F., 1980, p. 169, n.º 194; Silgo, 1988, p. 758; *MLH* III 1, p. 210, n. 7.2; Abascal, 1994, p. 257). Sendo notória a oposição de sonoridade entre as duas velares presentes em ACIRGI, não nos parece ser possível fazer corresponder ACIR ao componente inicial de AGIR-NES (TSall) (*contra*, Silgo, 1988, p. 758; *MLH* III 1, p. 210, n. 7.2).

Em contraposição ao que sucede com ACIR, o elemento onomástico GI está apenas atestado em NNL, e.g., AVRGI (González Román e Mangas, 1991, p. 50-52) e AIVNGI (Stylow e López Melero, 1995, p. 362). Deve, por conseguinte, ser posta de parte qualquer conexão entre GI e o sufixo onomástico ibérico **-co** (*contra*, Faria, 1994b, p. 66).

AIDAR. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 342:5.

Caso se trate de um NP, AIDAR (também são possíveis as leituras AIDVAR e AIDIAR) deverá ser composto pelos elementos onomásticos ibéricos **aidu** e **ar/aí** ou **iaí** (Faria, 1994a, p. 38, n.º 30). Tanto Untermann (*MLH* III 1, p. 209) como Quintanilla (1998, p. 155) não reconhecem a existência de **aidu**, mas apenas a de **aiti**. Arévalo (1999, p. 90) é de opinião que se poderá tratar de um NP celta; consideramos, porém, esta possibilidade muito remota, atendendo, por um lado, às características da restante antroponímia obulconense e, por outro, à situação geográfica de *Obulco*, cidade que a própria autora qualifica sucessivamente como turdetana (Arévalo, 1998, p. 197, 207, 224) e ibérica (Arévalo, 1999, p. 15-21, 27-28). Além do mais, Arévalo (1999, p. 89-90) não fornece um só paralelo para AIDAR/AIDVAR/AIDIAR no âmbito da onomástica celta. O segmento onomástico ibérico **aidu** está presente em **aidu-argi** (G.7.2), **aidu-(u)rgi** (G.16.3, .4), **aidu-iscer** (C.22.1), **aidu-legu** (F.13.10), **aid(u)-iCe-(i)ldun** (G.15.1) e, talvez, em **aidu-bas** (*CNH* 308:31-32) (Faria, 1991b, p. 189, 1992a, p. 192), se a transliteração correcta deste NP não for **aiu(n)-bas**. Vem a propósito assinalar que **aiTulCiCuTe** (*MLH* III 1, p. 209, n. 5; Velaza, 1991a, p. 94; Quintanilla, 1998, p. 155; Valadolid, 1998, p. 251) é má leitura por **aiduleguTe** (F.13.10) (Faria, 1991b, p. 189, 1994b, p. 66).

ANAIPORA. Moedas. *Anaipora* (localização indeterminada). *CNH* 400:1.

Pelo menos de momento, atribuímos à leitura e à interpretação conferidas por Villar (1999, p. 701, 2000, p. 101) a esta legenda monetária maior verosimilhança do que a outras que foram sugeridas (v. igualmente Faria, 1996a, p. 228, 1998a, p. 124, 1998b, p. 245).

an(n)duaCui. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 346:36.

Sobre este NP, mantemos tudo o que consignámos em artigos anteriores, incluindo o para-

lelo que estabelecemos entre **an(n)duaCui** e **ANDVGEP**, nome de um magistrado de **Beuipo* (Faria, 1992b, p. 44, 1995a, p. 79). Não deixa de ser curioso assinalar que Arévalo (1999, p. 36) cometeu o mesmo erro que o gravador da legenda **annduaCui** já havia cometido: nem uma nem outro se aperceberam de que o signo correspondente a **n** já estava incluído no nexa inicial **an** (*MLHI* 1, p. 334; Faria, 1995a, p. 79). Também Arévalo deixou por referir que o nexa com que se inicia **an(n)duaCui** se repete nas moedas de *Abra* em **angioniś** (*CNH* 355:1-4; Faria, 1991a, p. 18, 1994a, p. 38, n.º 36, 1995a, p. 79), NP turdetano por ela mal lido como **-kioniś** (Arévalo, 1998, p. 213). A **angisa**, provável paralelo para o início de **angioniś** (Faria, 1995a, p. 79), juntamos agora *ICSTNIS* (*CIL* II 1585), NP igualmente turdetano, dada a presumível identidade entre os segmentos finais de cada um dos NNP.

ben e **tir** são mencionados por Arévalo (1999, p. 77) como propostas de decifração do referido nexa, mas **an**, sugestão avançada por Antonio Tovar (1960, cuadro 2) (Faria, 1992b, p. 44), primou significativamente pela ausência. É certo que Tovar surge citado na p. 85 como proponente de uma das transliterações do referido nexa (Tovar, 1961, p. 190), mas sucede que o artigo indicado por Arévalo nada diz sobre o assunto.

Muito provavelmente, o **a** que integra o nexa deverá pertencer ao signário levantino (*MLH* III 1, p. 246, Tab. 2, **a 1** ou **a 6**), a exemplo do que se verifica com o silabograma final do NP **becuegi**, também atestado nas moedas de *Obulco* (*CNH* 345:26-35), que segue quase sempre uma orientação dextrógiro (Arévalo, 1999, p. 36), idêntica à que ocorre na escrita levantina.

Ao contrário do que pretende Arévalo (1999, p. 76), é **cu**, e não **co**, o sufixo que se encontra documentado nas moedas n.ºs 402 e 404. Em princípio, só o NP ibérico **neselducu** é que atesta, embora raramente, o mencionado grafema (*MLHI* 1, p. 335) pelos motivos que expusemos noutra lugar (Faria, 1995a, p. 83-84).

ARBISCAR. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709.

Em trabalho anterior (Faria, 1999, p. 153), contemplámos a eventualidade de **ARBISCAR** se subdividir em **AR-BISCAR**, citando em apoio desta segmentação a recente monografia de Trask (1997, p. 332). Convém, todavia, ter presente que outros autores precederam o linguista americano na comparação entre o NP ibérico **ARBISCAR** e a actual palavra basca *bizkar* (= ib. **biscar**) (Bähr, 1948, p. 443-444; Michelena, 1955/1985, p. 366, 1997⁵, p. 76; Albertos, 1966, p. 263; Irigoyen, 1987, p. 136, 146). Se **AR-BISCAR** (**ar(/r)-biscar*) for a segmentação correcta, o paralelo mais próximo para o segundo elemento deste NP deve ser encontrado no NL **BISCARGI(S)** (*Ptol.* 2. 6. 63; *Plin. nat.* 3. 23) < **biscargi** (*CNH* 41:31; Faria, 1996, p. 177) (Bähr, 1948, p. 442; Michelena, 1955/1985, p. 366, 1997⁵, p. 76; Irigoyen, 1987, p. 136, 146; Trask, 1997, p. 332). **biscargi** poderá segmentar-se em **biscar-gi** ou então em **biscar-argi**, por haplologia. Regressando a **ARBISCAR**, Untermann (1998a, p. 81, n. 41) é de opinião que este se possa dividir em **ARBI-BISCAR**, também por supressão haplológica, neste caso, da sílaba **BI**; hoje, porém, não estamos inteiramente convencidos da existência do elemento onomástico ibérico **afbi** (*MLH* III 1 § 7.13) (Faria, 1999, p. 153).

argibeś. Vaso de cerâmica. San Miguel de Liria (Valência). *MLH* III 2, F.13.5.

NP segmentável em **argi-beś**. **beś** está presente em **basi-beś** (G.1.5), **berCe-beś** (Untermann, 1991-1993, p. 96), **beś-oštur** (Fletcher e Silgo, 1991-1993, p. 91), **co-beś-íř** (Faria, 1997a, p. 107), **oto-beś-Cen** (A.23; *CNH* 228:1), **sacar-beś** (G.13.1), **[---]i-beś** (G.0.1), **[---]o-beś** (C.2.54) e em **[---]rdo-beś** (C.2.40) (Faria, 1995b, p. 328). A ocorrência de **unibeś** numa lápide de Pech Maho

(B.7.1), postulada por Siles (1985, p. 1433, n.º 1433), Pérez Orozco (1993b, p. 62, 66) e Silgo (1994, p. 251), não é defensável, atendendo à presença na mesma epígrafe de um silabograma indubitavelmente correspondente a **be**, muito diferente daquele que faria parte do suposto **unibés**.

Aos exemplos da ocorrência de **argi** fornecidos por Untermann (*MLH* III 1, p. 211) há que acrescentar **aidu-argi** (G.7.2) (De Hoz, 1981, p. 477; Faria, 1990-1991, p. 82, 1991b, p. 189, 1994b, p. 66). **bes** nada deve ter que ver com **ibe(is)**, outro elemento onomástico ibérico, presente em **ibe-sóf** (B.1.25), **ibei-suí** (B.7.35, .36), **ibei-tige** (C.4.1), **sof-ibeis** (F.21.1), **uldi-(i)bei** (Benages, 1990, p. 42-43) (Faria, 1995b, p. 326-327) e, talvez, em **ibes-unin** (F.13.1), se nos decidirmos por esta leitura em detrimento de **iCas-unin**. Em face dos exemplos aduzidos, cremos que não é possível continuar a acreditar na existência do elemento antroponímico **ibes** (Faria, 1994b, p. 66, 1995b, p. 326-327, 328), não obstante os esforços empreendidos em sentido contrário por Untermann (*MLH* III 1, p. 222), Silgo (1994, p. 173), Velaza (1992, p. 265, 1996b, p. 43), Quintanilla (1998, p. 81, 118, 133, 138-139) e Rodríguez Ramos (1999, p. 8, cuadro 3).

arsbigis. Moedas. **afse** (Sagunto, Valência). *CNH* 304:2, 5.

Não é fácil averiguar qual a relação entre *Saguntum* e **afse**, dois nomes pré-romanos (sendo aquele latinizado) aplicados a um só núcleo urbano (Santiago, 1994, p. 51-56) ou, mais provavelmente, a duas cidades distintas que se fundiram numa só durante o século I a.C. (García-Bellido e Ripollès, 1997a, p. 208). Seja qual for a natureza daquela relação, o certo é que não é de todo possível isolar este último topónimo numa legenda monetária inscrita em dracmas e hemidracmas de **afse** (*contra*, Gómez-Moreno, 1949, p. 278). Efectivamente, Gómez-Moreno, a despeito de ter transliterado correctamente a sequência de signos que compunham a inscrição em causa (Gómez-Moreno, 1949, p. 169), falhou redondamente na interpretação da mesma, deixando por isolar o antropónimo **arsbigis**, seguido do sufixo de ergativo **-Te** e da forma verbal **egiaf** (Faria, 1994a, p. 40, n.º 53, 1994b, p. 66, 1994c, p. 123, 1995a, p. 80). É verdade que Gómez-Moreno, secundado por Gil Farrés (1966, p. 99, 102) e Álvarez Burgos (1992, p. 256), não estabeleceu, numa das páginas das suas *Misceláneas* (Gómez-Moreno, 1949, p. 278), a necessária distinção entre os dois signos de vibrante em presença (Faria, 1994a, p. 40, n.º 53, 1995a, p. 80); contudo, noutra página já citada, pertencente à mesma obra (Gómez-Moreno, 1949, p. 169; v. igualmente Tovar, 1979, p. 483, n. 2), o sábio granadino já havia fornecido a transliteração correcta da legenda em análise. A **arsbigisteegiaf** continuamos, no entanto, a preferir **arsbigisTe-egiaf** (Faria, 1994a, p. 40, n.º 53, 1995a, p. 80), já que não sabemos a que fonema(s) corresponde o silabograma **Te**. A transliteração de Gómez-Moreno foi em má hora “emendada” por Antonio Tovar (1949, p. 29, 1951, p. 291; 1979, p. 483, n. 2) para **afsagiscuegiaf**. A esta “emenda” aderiram numerosos autores, designadamente Bouda (1950, p. 73), Untermann (*MLHI* 1, p. 230; *MLH* III 1, p. 171, 186), Villaronga (1979, p. 110, *CNH*, p. 304, 305), Guadán (1980, p. 53, 55), Pattison (1981, p. 497-498), Siles (1985, p. 68, n.º 193), Silgo (1988, p. 68, 69, 70, p. 77, nn. 13, 23, 1994, p. 27, 46, 80), Fletcher (1989, p. 103), García-Bellido (1990, p. 65, 67, 71-74, 1993a, p. 325-326, 339, 341), Velaza (1991a, p. 66, 94, 1991b, p. 294, 1996b, p. 48, 53), Ripollès (1991-1993, p. 126), De Hoz (1992, p. 333, 335), Pérez Vilatela (1992, p. 354, 357), Vicente et al. (1993, p. 753), García-Bellido e Ripollès (1997b, p. 277), Collantes (1997, p. 62), Quintanilla (1998, p. 224-225), Domínguez (1998, p. 132), Valladolid (1998, p. 251) e Oroz (1999, p. 505). Destes, poucos foram os que mencionaram a(s) leitura(s) de Gómez-Moreno.

Devemo-nos regozijar pelo facto de Pere Pau Ripollès, um dos autores que até há muito pouco tempo só havia contemplado a transliteração **afsakiskuekiaf**, ter entretanto mudado de opinião (Ripollès, 1999, p. 33), lendo agora **arsbigisteegiaf** (sem distinção de vibrantes),

apesar de o ter feito num texto que, certamente por integrar o catálogo de uma exposição, não possui notas bibliográficas. Num artigo de divulgação, também desprovido de citações bibliográficas, Rodríguez Ramos (1999, p. 12) resolveu veicular a transliteração **arsbigiscuegiaf**, apenas falhando, por conseguinte, na identificação do sufixo **-Te**. Tanto quanto sabemos, não há provas da existência do sufixo **-cu** precedendo **egiaf** (*contra*, Pattison, 1981, p. 497; *MLH* III 1, p. 186; Velaza, 1996b, p. 53), pelo que não será demasiada ousadia afirmar que **egiaf** figura sempre a seguir a um NP, que pode apresentar, ou não, o sufixo **-Te** (Faria, 1995a, p. 80). É esta sequência — NP + **Te** + **egiaf** — que encontramos no mosaico de Caminreal (v. *supra*), por lapso confundido por De Hoz (1997a, p. 269) com o de *Andelo*.

astebeice. Placa de chumbo. Pujol de Gasset (Castellón de la Plana). *MLH* III 2, F.6.1.

NP ibérico composto por **aste** e **beice**. O primeiro elemento pode ser localizado em SIR-[A]STE-IVN (**sir-aste-iun*) (*E.R.Ter.*, 5; *HEp* 6, 1996, 908a) e em ASTE-DVMAE (*MLH* III 1, p. 211) (**aste-duwbaś*), ao passo que **beice** é reconhecível em **auruni(n)-beice** (F.6.1) e em **uni(n)-beice** (F.9.5).

baitolo. Moedas. **baitolo** (Badalona, Barcelona). *CNH* 198:1-6.

Untermann (1992, p. 25, 1998a, p. 82) prefere decompor o presente NL ibérico em **bait-olo**, a despeito de termos demonstrado que o mesmo se segmenta em **bai-tolo** (Faria, 1995b, p. 323-324, 1997a, p. 111; Nieto, 1997, p. 74). Curiosamente, Moret (1996, p. 17-20) não evoca **baitolo** como termo de comparação com TOLOSA (Toulouse), que ele considera ao mesmo tempo NL ibérico (Moret, 1996, *passim*) e aquitano (Moret, 1996, p. 22). A latinização deste mesmo NL — BAE-TVLO — deixa entrever que uma das grafias de um NL aparentado com aquele, LABITVLOSA, foi utilizada posteriormente a LABITOLOSA (*contra*, Sillières, Magallón e Navarro, 1995, p. 127; Navarro e Magallón, 1999, p. 75, n. 57); Moret (1995, p. 18), por sua vez, mostrou-se adepto de um emprego simultâneo de ambas as grafias, caracterizando correctamente LABITOLOSA/LABITVLOSA como palavra paroxítona, ao arrepio do parecer de Sillières, Magallón e Navarro (1995, p. 127).

É evidente que não deve ser estabelecida qualquer correspondência entre o segundo componente de BAETVLO < ib. **baitolo** e a parte final de CASTVLO < ib. **caštilo** (*contra*, Nieto, 1997, p. 74); além do mais, importa encetar a eventualidade de este último NL, em lugar de **caś-tilo**, se segmentar da seguinte maneira: **cašti-lo**.

Tudo indica que é possível isolar o elemento **bai** em **baitolo**, mas já não em BAESVRI (**bais-uri*), BAESIPO (**bais-ipo*) e em BAESVCCI (**bais-uci*) (*contra*, García Alonso, 1995, p. 33, 95; Villar, 1996², p. 481).

becuegi. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 345:26-35.

Ao invés do que afirma Arévalo (1999, p. 86), não é verdade que, em 1985 ou em qualquer outro ano, Javier de Hoz tenha conferido ao silabograma de **be** este ou qualquer outro valor fonético (De Hoz, 1997a, p. 269, 1997b, p. 193). No caso vertente, a responsabilidade pela decifração do referido signo pertence a outrem (*MLH* III 1, p. 143 e n. 54; Faria, 1990-1991, p. 74, 78, 1991a, p. 17-19, 1992b, p. 45).

A justificação que fornecemos para a transliteração do segundo grafema como **cu** (Faria, 1995a, p. 83-84) mantém-se totalmente válida. Arévalo (1998, p. 213, 220), sem citar a bibliografia anterior, subscreveu a nossa leitura, tendo, contudo, noutras ocasiões (Arévalo, 1998, p. 210, 1999, p. 86), optado erradamente por **co**. No seu trabalho mais recente, Arévalo (1999, p. 86) esqueceu-se de referir como termo de comparação a existência de um magistrado de *Abra* chamado **uecuegi** (*MLH* III 1, p. 153; Faria, 1991a, p. 18, 1994a, p. 55, n.º 391, 1996b, p. 175).

BELENNES. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709.

A existência do NP ibérico **belencu** (Campmajo e Untermann, 1993, p. 508-509) autoriza a que se postule para BELENNES (TSall) a segmentação **belen-nes** (Faria, 1993a, p. 154) em vez de **beles-nes* (Correa, 1994a, p. 271, 276, 1999, p. 379, 382; Velaza, 1996b, p. 43; Quintanilla, 1998, p. 92, 143, n. 46, p. 203, 259) ou **beles-nes* (Gorrochategui, 1993b, p. 624; Untermann, 1998a, p. 79).

beuipum/n. Moedas. **Beuipo* (Alcácer do Sal, Setúbal). *CNH* 133:1-12B.

Contra toda a evidência, Mantas (1998a, p. 55, n. 14) continua a acreditar que o nome pré-romano de Alcácer do Sal, conhecido através de uma legenda monetária, poderá ter sido **keition** (v., no mesmo sentido, Etienne, Makaroun e Mayet, 1994, p. 13; Schattner, 1998, p. 159, n.º 217). O único argumento que Vasco Mantas alguma vez invocou em abono desta infeliz sugestão da autoria de Dias Diogo (1982), logo amplamente difundida por Jorge de Alarcão (1983³, p. 75, 1988, p. 132), consiste na semelhança entre aquela inexistente denominação e o topónimo *Kition*, que designava uma cidade cipriota de fundação fenícia (Mantas, 1996, p. 349, n. 5). Ao deitar mão de comparações deste género para sustentar uma transliteração absurda, Mantas deixou bem à vista uma total falta de preparação para se pronunciar com um mínimo de seriedade sobre a argumentação a que recorreremos quando tratámos em pormenor da discutida legenda monetária em dois artigos redigidos com um intervalo de três anos (Faria, 1989, 1992b). Enquanto Mantas não adquirir alguns conhecimentos sobre a matéria em causa, estará sujeito a tecer críticas tão pertinentes como esta: “A rapidez com que Marques de Faria alterou a sua primeira proposta, *Cantnipo*, para *Beuipo*, suscita-nos alguma reserva quanto ao método seguido por este investigador” (Mantas, 1998b, p. 220, n. 96).

Em trabalho recente, M.^a P. García-Bellido (1997, p. 229), ao tratar sumariamente da origem étnica e linguística do topónimo e dos nomes dos magistrados de **Beuipo*, continuou a transliterar o letreiro toponímico em causa como **ketouibon** (?), apesar de o Professor Untermann já ter abandonado uma tal leitura há alguns anos (Untermann, 1995b, p. 312, n. 69). Também Alicia Arévalo (1998, p. 214) se inclinou por esta transliteração, conquanto tenha mostrado conhecer as leituras que tivemos o ensejo de sugerir há alguns anos. Posteriormente, esta numismata deve ter esquecido tudo o que escreveu sobre a matéria, porque agora designa a nossa ceca por *Salacia* (Arévalo, 1999, p. 77, 91). Seja qual for a transliteração correcta da legenda monetária em análise, não temos grandes dúvidas da ocorrência na mesma do sufixo turdetano **-ipum/m**, normalmente latinizado em *-ipo*, apesar da resistência manifestada por Villar (1999, p. 687, 695-696, 2000, p. 96-97) em aceitar que o dito sufixo terminava, na língua turdetana, em nasal.

A propósito do nome pré-romano de Alcácer do Sal, vale a pena assinalar que pertence a **Beuipo* (*CNH* 133:1) uma moeda recolhida há alguns anos em Coca (Segóvia) e atribuída a *Sexs* por Blanco (1990, p. 13).

bigirtinís. Lâmina de chumbo. La Punta de Orleyl (Vall de Uxó, Castellón de la Plana). *MLH* III 2, F.9.2.

Contrariando a *lectio facillior* avançada com alguma hesitação por Untermann (*MLH* III 2, p. 380-381), preferimos voltar a transliterar o último signo do NP em apreço como **n** (Fletcher, 1972, p. 12-13, 1985, p. 25; Faria, 1990-1991, p. 77, 84, 1991b, p. 193, 1998c, p. 235). Na verdade, nada no *ductus* do mencionado grafema autoriza a que o mesmo possa ser lido como **ba**, tal como quer Untermann, só porque seria mais facilmente explicá-lo enquanto integrante do bem conhecido elemento onomástico **tibaś**. Convém ter presente que já são numerosos os exemplos em

que, numa mesma sílaba, a um signo de nasal sucede outro de sibilante; ao caso vertente e aos que foram há pouco aduzidos por Correa (1999, p. 380) deverá juntar-se BINSNES (**bins-nes*) (Faria, 1991b, p. 190, 194, 1994b, p. 67).

CANDNIL (...?) SISCRA F (*ilius*). Moedas. **Beuipo* (Alcácer do Sal, Setúbal). CNH 134:5-5A.

Tanto Velaza (1998a, p. 78) como Arévalo (1999, p. 89, 91) acharam conveniente omitir esta nossa leitura (Faria, 1989, p. 82, 84, 1992b, p. 43-44, 1994a, p. 42, n.º 109), lembrando-se ambos de recuperar algo que hoje é insustentável: CONIL SISCAR F. A aflitiva desmemoriação de que Arévalo dá mostras é de data muito recente, porquanto ainda em 1998 esta numismata parecia aceitar a leitura CANDNIL SISCRA F, muito embora manifestasse infundadas dúvidas sobre a natureza antroponímica da supracitada legenda monetária (Arévalo, 1998, p. 215-216).

Caresban. Vaso cerâmico. San Miguel de Liria (Valência). MLH III 2, F.13.5.

Tal como em **Cares-í** (F.13.3) e em **Cares-bo-bigir** (F.13.3), o NP em causa é seguido de **Te egiaí** (v. *supra*), o que constitui uma prova dificilmente refutável de que estamos perante três NNP ibéricos (Faria, 1991b, p. 190, 1992a, p. 195, 1994b, p. 67, 70; *contra*, Velaza, 1996b, p. 49). Aos NNP que contêm o elemento **Cares** devem acrescentar-se **Cares-Taí** (F.9.7), **Care(s)-só** (Solier e Barbouteau, 1988, p. 83; Faria, 1990-1991, p. 86) e ainda um provável segundo exemplo de **Cares-í** (Faria, 1997a, p. 107), fazendo este parte da inscrição da gruta de La Camareta, a que recentemente aludiu De Hoz (1998, p. 224, n. 39) numa nota bibliográfica da qual não constam os principais estudos sobre a mesma (Pérez Rojas, 1993, p. 139-266; Faria, 1997a, p. 107). **Cares** está também presente como NP completo no Bronze de Botorrita 3 (Faria, 1997a, p. 107).

Quanto a **ban**, é elemento onomástico cuja ocorrência já havíamos registado há alguns anos, por exemplo, em **ban-só** (B.7.35) (Faria, 1991b, p. 190, 1992a, p. 195, 1994b, p. 66, 70, 1995b, p. 326) ou em **ban-gi** (G.7.2) (Faria, 1990-1991, p. 77, 79, 1991b, p. 190, 1994b, p. 66); ao contrário de Untermann (1996d, p. 133), não necessitámos de esperar pelo Bronze de Botorrita 3 para reconhecermos a sua existência.

Caísuritu. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). CNH 343:15-16.

Já afirmámos repetidas vezes que **Kabesuritu** (CNH, p. 343, n.ºs 15 e 16, Arévalo, 1998, p. 210, 1999, p. 86) deve dar lugar a **Caísuritu** (CNH 343:15-16) (Faria, 1990-1991, p. 74, 1991a, p. 17, 1991b, p. 190, 1994a, p. 42-43, n.º 112, 1994b, p. 67, 1994c, p. 123, 1995a, p. 81, 1995b, p. 326, 1996b, p. 158). Jamais compreenderemos como pôde Arévalo (1999, p. 86) ter chegado ao cúmulo de propugnar a equivalência fonética entre o primeiro signo de **becuegi** e o segundo de **Caísuritu**. Será que também este grafema não passa de uma variante “adornada” (Arévalo, 1999, p. 76; v. *infra*) daquele?

CONIPR. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). CNH 342:5.

Salvo erro, cabe-nos a prioridade quer na interpretação de CONIPR como NP indígena quer na apresentação de possíveis paralelos para o mesmo (Faria, 1991a, p. 18, 1994a, p. 43, n.º 125, 1994c, p. 123). De nada disto deu conta Arévalo (1999, p. 44, 88-89), que ainda recentemente lia esta legenda como CONIPP e lhe atribuía um significado desconhecido (Arévalo, 1998, p. 208), factos que ela também omitiu na sua monografia. Por sua vez, Chaves (1999, p. 307-308 e n. 60) limitou-se a classificar CONIPR e AIDAR como palavras indígenas, revelando, portanto, algumas dúvidas quanto à natureza onomástica de ambas.

Ἐλερνας. Placa de chumbo. Pech Maho (Narbona). Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53; *IGAI* 7.

Mesmo depois de termos demonstrado que é Ἐλερνας a leitura correcta de um NP inscrito no chumbo grego de Pech Maho (Faria, 1994b, p. 69), previamente documentado em caracteres ibéricos – **elerbaś** – num grafito cerâmico de *Iliberris* (Elne) (*MLH* II, B.9.1), muitos foram os investigadores que continuaram a lê-lo como Βλερνας (Gorrochategui, 1995a, p. 191, 205; Untermann, 1996a, p. 81, 100; Roman e Roman, 1997, p. 252; De Hoz, 1997a, p. 264-265; Marco, 1998, p. 69, n. 18; Rodríguez Somolinos, *IGAI*, p. 350-353; Panosa, 1999, p. 96; Gangutia, 1999, p. 10 e n. 42, p. 13). É natural que a nossa leitura não tenha suscitado particular entusiasmo a quem tem persistido em considerar que no documento em causa, além de Ἡρωνουιος, estão atestados vários nomes não-ibéricos. Tal não deverá, porém, corresponder à verdade, já que os *NNP* Σεδεγων e [N]αναρνας (ib. **nabarbas*) (Faria, 1991a, p. 18) são integráveis na língua ibérica, tal como os nomes das restantes testemunhas envolvidas no negócio descrito na placa de Pech Maho.

Domingo Fletcher (*apud* Silgo, 1994, p. 87), que atribuiu ao NP em análise uma origem ibérica, julgou haver na transmissão do mesmo um erro do escriba, Βλερνας *pro* Βαερνας, quando, afinal, se tratava simplesmente de um erro de leitura.

Reconhecemos que não é fácil entender por que razão são empregues num mesmo texto os signos β e υ com vista a representarem um só fonema. Efectivamente, a νααρ (em [N]αναρνας) e a υας (em [N]αναρνας e em Ἐλερνας) haverá que contrapor βασι (em βασιγερος) e βωρ (em Γολο[ν]βωρ) (v. *infra*). Em todo o caso, o uso do signo de semivogal parece configurar uma variante contextual bem específica: nos três casos em que ocorre, aquele surge exclusivamente em posição medial, precedendo o signo vocálico α. Abramos aqui um parêntese para recordar que em βασιγερος não existe qualquer duplo *gamma* (*contra*, Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 37; Correa, 1992, p. 266, 283, 1994a, p. 273, n. 25).

[N]αναρνας tem sido sujeito a leituras incompletas ([ααρνας) (De Hoz, 1994a, p. 247, 1997a, p. 265; Gorrochategui, 1995a, p. 191; Rodríguez Somolinos, *IGAI*, p. 353; Panosa, 1999, p. 96; Gangutia, 1999, p. 10 e n. 38, p. 13) ou mesmo erradas ([ααρνας), tal como sucedeu com Ἐλερνας (Roman e Roman, 1997, p. 252; Marco, 1998, p. 69, n. 18); já vimos que estas imprecisões têm dado azo a considerá-los ambos de origem não-ibérica, designadamente “indígena”, “autóctone” ou “lígure” (De Hoz, 1994a, p. 247, 1997a, p. 265; Gorrochategui, 1995a, p. 191; Rodríguez Somolinos, *IGAI*, p. 353; Marco, 1998, p. 69, n. 18; Panosa, 1999, p. 96, 98; Gangutia, 1999, p. 10). Untermann (1996a, p. 81, 82), por seu lado, não se coibiu de transformar [N]αναρνας em ν[ααρ]χ[os].

Quanto às afinidades linguísticas, notadas por Elvira Gangutia (1999, p. 9), entre Σεδεγων e outros nomes ibéricos, designadamente o etnónimo SEDETANI, as mesmas já tinham sido anteriormente por nós postas em evidência num artigo que aquela helenista não terá consultado.

GESELANDEN. Estela de arenito. Proveniência indeterminada. *IRMN* 58.

Este NP ibérico, decomponível em GES-ELAN-DEN (ib. **ges-elan-din*) (Faria, 1995a, p. 81-82), foi também lido como GESELADIN e segmentado em GESEL-ADIN (Velaza, 1993, p. 80, 1995, p. 213; Gorrochategui, 1995a, p. 223-224; *HEp* 5, 1995, 636; Castillo, 1997a, p. 131, 137, n.º 46 = 1997b, p. 299, 305, n.º 46). Ao invés do que se passa com a segmentação da nossa autoria, a que foi proposta por Velaza pressupõe a existência do elemento onomástico ibérico GESEL, que, até hoje, não conta com nenhum paralelo (Velaza, 1995, p. 213, n. 29). Salinas (1999, p. 49) alude à existência de um NP ibérico *Elanden*, mas, lamentavelmente, não revela qualquer outra informação sobre o mesmo.

Γολο[ν]βυρ. Placa de chumbo. Pech Maho (Narbona). Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53; *IGAI* 7.

A nasal que restituímos em Γολο[ν]βυρ deve-se à analogia susceptível de ser estabelecida entre Γολο[.] e **golon**, nome de um magistrado de *Obulco* (A.100-12) (Faria, 1991b, p. 192, 1995a, p. 82), analogia que Correa (1994a, p. 269, n. 17), Quintanilla (1998, p. 117) e Arévalo (1999, p. 84) não reconheceram.

IBARRA. Estela de granito. Los Villares (Plasenzuela, Cáceres). Callejo, 1967, p. 107-109.

Trask (1997, p. 199) é de opinião que o artigo *-a* surge em basco apenas entre os séculos VIII e X, mas IBARRA parece provar a sua existência já em época romana (Irigoyen, 1987, p. 48). Não vemos nenhum inconveniente em fazer corresponder a terminação de IBARRA, *cognomen* de LIVLIVS LASCIVI (*filius*), às dos NNL ibéricos EGARA (ib. **egar-a*), SIGARRA (ib. **sigar-a*), **ildicir-a** e Λασσιρα (**lasir-a*). *Ibar* está também reproduzido em VXAMAIBARCENSIS (Santos, 1997, p. 199, n. 22), servindo *Ibarca* para distinguir esta *Vxama* de uma outra, que leva *Argaela* como complemento (*TIR*, K-30, p. 249). O determinante *Ibarca* surge igualmente desprovido da vogal inicial em *Barca* e em **uarcas** (abl.) (Santos, Emborujó e Ortiz, 1992, p. 459), formas que não são posteriores àquela, pelo que não se pode falar de aférese. Não sabemos até que ponto *ibar* será relacionável com os elementos onomásticos ibéricos **ibe/ibei/ibes/ibeis** (Faria, 1995b, p. 326-327; v. *supra*) e **iber**, ocorrendo este último apenas em **iaf-iber** (E.13.1).

Talvez tenha sido por analogia com *ibar* que o substantivo *bai* terá passado em basco a *ibai* (Orpustan, 1987, p. 61), sendo bastante provável que, por estar presente em diversos NNP e NND ibéricos e paleobascos (Faria, 1995b, p. 323-324), *bai* tivesse possuído o mesmo significado em ambas as línguas. Não se vislumbra, pois, nenhum motivo passível de fazer derivar *bai* (ibérico/paleobasco) de *ibai* (basco “rio”) mediante aférese, visto que este substantivo é posterior àquela raiz em vários séculos (Orpustan, 1987, p. 61, 1997³, p. 25, 127; Allières, 1994, p. 66; *contra*, Michelena, 1954/1985, p. 432; Gorrochategui, 1984, p. 153, 379, 1993b, p. 613; Trask, 1997, p. 335, 344; Rivas, 1998, p. 246); decorre deste raciocínio que a vogal inicial do basco *ibai* deverá ser protética.

ildicira. Moedas. **ildici*/**ildicira*. CNH 356:1-2.

Continuamos a acreditar na eventualidade de o topónimo *Ilici* se encontrar documentado na legenda monetária **ildicira** (CNH 356:1-2) (Faria, 1995a, p. 82), caso esta não corresponda a *Ilorcira* < **ildurcira*, cidade alegadamente mencionada por Plínio em lugar de *Ilorci* (*nat.* 3. 9) (Capalvo, 1996, p. 130-131) (Faria 1997a, p. 108). Nenhuma destas alternativas foi encarada nas páginas que Arévalo (1998, p. 202-203) dedicou à ceca em causa, limitando-se esta investigadora apenas a aludir a uma hipótese que agora nos suscita fortes reservas, segundo a qual **ildicira** se relacionaria com *Ilucro* e *Eliocroca* (Faria, 1991a, p. 16, 1991b, p. 192).

Seja, ou não, correcta a correspondência de *Ilici* com **ildicira** (< **ildici* + *ira* ou **ildicir* + *a*), não deixa de ser curiosa a posição que Jürgen Untermann tem tomado relativamente à supracitada legenda monetária. Depois de a ter lido sucessivamente como **iltiraka** (*MLH* I 1, p. 329; *MLH* III 1, p. 188), **ilteraka** (Untermann, 1995b, p. 306) e **iltiterka/iltitera** (Untermann, 1996a, p. 107, n. 30, 1996b, p. 709), o insigne iberista parece agora hesitar entre as seguintes translitterações: **iltirtera** e **iltirkira** (Untermann, 1998a, p. 80, n. 40). Temos algumas esperanças de que, quando Untermann se dispuser a observar que o primeiro signo de vibrante não existe, talvez venha a reconhecer que **ildicira** — leitura que vimos propondo há quase uma década em trabalhos que o erudito em causa bem conhece (Faria, 1991a, p. 16, 1991b, p. 192, 1995a, p. 82, 1997a, p. 108) — constitui a translitteração correcta da dita legenda.

Dadas as dificuldades em acompanhar o ritmo imposto nos últimos anos por Untermann, Chaves (1998a, p. 153, n. 26) continua a subscrever uma das penúltimas transliterações alvitradadas pelo sábio alemão: **iltiterka**; mais desactualizados, García-Bellido e Ripollès (1997b, p. 281, 283), Collantes (1997, p. 204), Arévalo (1998, p. 203) e Velaza (1998a, p. 74), acompanhados por Blanco e Sáez (1999, p. 6), ainda não passaram de **iltiraka**, sendo também esta a leitura que, com algumas reservas, era subscrita já há alguns anos por José Antonio Correa (1994b, p. 337, n. 19). Nesse mesmo ano, também Javier de Hoz (1994b, p. 172) se pronunciou sobre o nome da ceca em análise, patenteando, em nosso entender, excessiva cautela: “Con anterioridad conocíamos una leyenda monetal (...), cuya lectura plantea problemas pero en todo caso se inicia claramente con el elemento ibérico *ilti* (A.98)”.

ildiradin. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). CNH 343:10.

Só na monografia sobre as moedas de *Obulco* é que Arévalo (1999, p. 82) finalmente se deu conta de que **ildiradin** era a leitura correcta do NP em causa, depois de ter passado vários anos (Arévalo, 1987, p. 33, 1989, p. 144) a veicular uma transliteração — **ilderadin** — que já havia sido corrigida por Schmoll (1956, p. 308). Ainda hoje, contudo, Arévalo (1999, p. 74) não se conseguiu livrar definitivamente do famigerado **ilderadin**.

ildirdaŕ/r. Moedas. **ildirda** (Lérida). CNH 41:32-35.

A deficiente qualidade das legendas hoje documentadas não ajuda a definir qual dos dois signos de vibrante encerra a legenda em apreço (Quintanilla, 1998, p. 225, 1999, p. 566). O facto de não conhecermos nenhum nome ibérico susceptível de integrar o suposto elemento onomástico **-da**, com que parece terminar o NL **ildirda**, leva-nos a propor, reformulando os termos de uma hipótese lançada por Pérez Orozco (1993a, p. 227), que **ildirda** constitui uma versão apocopada de **ildirdaŕ/r**, acabando aquela por se impor mercê da influência do latim. Esta proposta encontra os seus alicerces em três premissas: a) maior antiguidade das moedas que exibem a legenda **ildirdaŕ/r** relativamente às que ostentam **ildirda** (Villaronga, 1978, p. 13, 59); b) os diversos testemunhos que demonstram a existência do elemento onomástico ibérico **daŕ/daŕ** (Silgo, 1994, p. 127-128; Faria, 1995b, p. 326, 328; Quintanilla, 1998, p. 82); c) a ocorrência de outros elementos lexicais ibéricos aos quais falta a vibrante final (*MLH I* 1, p. 80; Pérez Orozco, 1993a, p. 227; Quintanilla, 1998, p. 233, 1999, p. 566).

A adaptação à morfologia latina poderá servir igualmente para explicar a origem de TOLOSA em **tolo-saŕ/*tolo-śaŕ* (Faria, 1997a, p. 111).

ildurir. Moedas. **ilduberir* (Granada). CNH 357:2-13.

Pouco temos a acrescentar aos resultados a que recentemente chegámos a respeito da interpretação do letreiro toponímico em causa (Faria, 1991a, p. 17; 1995a, p. 82). Esta nossa interpretação foi totalmente silenciada na recente síntese de Arévalo (1998, p. 205), que, em contrapartida, se fez eco de uma transliteração alternativa (Faria, 1991a, p. 16) que já havíamos abandonado. Cremos agora ser possível que **ilduberir** configure o topónimo completo, abreviado por contracção nas legendas monetárias em **ildu(be)rir**, não havendo, por conseguinte, lugar à interpretação da vibrante final como sufixo. Esta desapareceria mediante a latinização do topónimo, fenómeno que deverá ter igualmente afectado quer os NNL ILERDA e TOLOSA (v. *supra*) quer os NNP NESILLE < **nesildir* (v. *infra*) e LACERILIS (gen.) < **lacerildir* (*CIL II* 4625; *IRC III* 50). Este último nome designa o pai de um *Bacasitanus*, e não de um *Bastitanus* (*contra*, *MLH III* 1, p. 238). Arévalo (1999, p. 83) foi mais longe, não se coibindo de escrever que

“LAKERILTIR” (*sic*) ocorre “en una inscripción latina de Bastitan (CIL II, 4625)” (*sic*); chegámos a pensar que “Bastitan” era erro de tipografia, mas logo a seguir deparámos com dois “topónimos” afins daquele: “BAIS(e)ISKER, en una inscripción latina de Oretanus (Ciudad Real) (CIL II, 3271)” (Arévalo, 1999, p. 84); “TANEKISKER, en una inscripción latina de Otobesan (CIL II, 3794)” (Arévalo, 1999, p. 85).

Não seria descabido ver em **ildurir** a abreviação de **ildur(ber)ir**, se não se desse o caso de apenas **ildur**, e não **ildur**, estar documentado na onomástica ibérica (Faria, 1995a, p. 82).

Deve ser imputada a José Antonio Correa (1994b, p. 333, 336-337) a ideia, posteriormente acolhida por outros linguistas (v. agora Villar, 2000, *passim*), de que existe um morfema ibérico *Il-* correspondente a “cidade”. Alguns anos antes, também Curchin (1991, p. 188) se havia referido à existência de um prefixo ibérico *Il-*. Alicerçado neste pressuposto, Correa (1994b, p. 337 e n. 20, p. 338) advogou a segmentação morfológica da legenda monetária que ele lê como **ilbirir** em **il-birir**, postulando a introdução de uma vogal anaptítica /i/ em latim como explicação para a evolução ib. **ilbirir** > lat. ILIBER(R)I(S) (v., igualmente, De Hoz, 1980, p. 304-305, 313, 1989, p. 556; Arteaga e Correa, 1994, p. 52; Arévalo, 1998, p. 205). Em nosso entender, esta segmentação é, contudo, inverosímil, configurando **ildurir** a única transliteração possível para aquela legenda, indubitavelmente gravada em caracteres ibéricos levantinos. Tão-pouco é de aceitar **ilberir**, outra transliteração *ad hoc* do mesmo topónimo, que continua a contar com alguns adeptos (García Alonso, 1995, p. 71; Fear, 1996, p. 60; Velaza, 1998a, p. 74; Quintanilla, 1998, p. 222, 1999, p. 56; Blanco e Sáez, 1999, p. 5, 6, 8).

Do nosso ponto de vista, nada indicia que FLORENTIA constitua a tradução latina de *Ilberis/ildu(ber)ir* (*contra*, Gómez-Moreno, 1949, p. 278; Untermann, 1995b, p. 312).

■ ILVRCON. Moedas. *Ilurco* (Cerro de los Infantes, Pinos Puente, Granada). CNH 365:1.

A propósito da pretensa existência de um prefixo ibérico *Il-* correspondente a “cidade” (Curchin, 1991, p. 188; Correa, 1994b, p. 333, 336-337; Villar, 2000, *passim*), Jordán (1997, p. 445) propôs-se segmentar ILVRCO em *Il-urco*, ao passo que Quesada e García-Bellido (1995, p. 67, n. 6), seguidos por Villar (1999, p. 692-693, 700), decompueram *Ilorci(tani)* (Plin. *nat.* 3. 25) em *Il-orci(tani)*. Nenhuma destas últimas interpretações se justifica, porquanto as segmentações correctas de ILVRCO e *Ilorci* são respectivamente ILVR-CO < ib. **ildur*-co e *Ilor-ci* < ib. **ildur*-ci/**ildu*(*r*)-*urci*. Esta mesma segmentação deve ser aplicada a ILVRCI < ib. **ildur*-ci/**ildu*(*r*)-*urci* (Faria, 1995b, p. 325), topónimo antecessor de GRACC(H)VRRIS (Castillo, 1986, p. 148).

■ IPSES. Moedas. **Ipsis/Ipses* (Vila Velha, Alvor, Portimão). CNH 422:1.

Em vez de uma forma sincopada de **Ipises* (Villar, 1999, p. 702, 2000, p. 103) ou de um adjetivo derivado de **Ipsi(s)* – IPSE(*n*)S(*e*) ou IPSE(*n*)S(*is*) – (Guerra, 1998, p. 467), preferimos ver em IPSES uma variante do NL **Ipsis*, no que se afigura ser o resultado de uma tendência, igualmente observável noutros casos (v. *infra*), para a neutralização da oposição entre vogais anteriores em sílaba final pós-acentuada. Este NL, seguramente, em nada se relaciona com o NP HIPSAEVS, hipótese que foi colocada com pouca convicção por Amílcar Guerra (1998, p. 467). O NL em causa deverá ser composto pelos conhecidos elementos turdetanos *ip* e *sis*, combinados na ordem inversa em que se apresentam no NL SISIPO, conhecido em numismas de escassa produção (CNH, p. 405). Esta constatação, a confirmar-se, põe em causa a análise da distribuição do elemento *ip* elaborada por Villar (1999, p. 706) a partir do binómio IPORA/ORIPPO. A explicação que acima fornecemos para a oscilação **Ipsis*/IPSES poderá aplicar-se também a **sisbi**/SISBE (Faria, 1992b, p. 44) e a CILPIS/CILPES (Faria, 1997b, p. 364) (*contra*, Guerra, 1998, p. 399), nomes igualmente turdetanos.

A propósito deste último topónimo, que evoluiu até Silves, García Alonso (1995, p. 69) e Collantes (1997, p. 131-132), além de continuarem a lê-lo como CILPE, persistem erroneamente em situar na província de Cádiz a cidade por ele designada.

ISAS. Placa de calcário. *Mirobriga* (Chãos Salgados, Santiago do Cacém, Setúbal). *IRCP* 144.

Considerado um *hapax* por Encarnação (*IRCP*, p. 220), este *cognomen* masculino surge gravado numa inscrição de Austis (Sardenha) sob a forma ISASVS, depois de ter sofrido uma adaptação aos nomes de tema em *-o*. Não deve ser casual a circunstância de o tocador de trombeta (*tubicin* [*sic*]) ISASVS CHILONIS FNICLINVS pertencer à *cohors Lusitan(a, -orum?)* instalada na Sardenha até meados do século I d.C. (Le Bohec, 1990, p. 30, 32, 98, 109-110). Assim, não obstante este NP ocorrer uma só vez no Ocidente hispânico, o par de testemunhos invocados por Le Bohec aumenta as probabilidades de ISAS(VS) se integrar na onomástica lusitana (Le Bohec, 1990, p. 32) ao mesmo tempo que enfraquece a proposta formulada por Mantas (1998a, p. 52, 61, n. 72), segundo a qual ISAS seria um NP semita. Confrontado com a impossibilidade de encontrar paralelos para este NP na documentação literária e epigráfica do mundo romano, Vasco Mantas aduziu como *comparanda* o bíblico 'Elisah, deformação de *Alashia* (Casillas, 1999, p. 433, 441, 443), e o corânico 'Īsā ("Jesus") (van Donzel, Lewis e Pellat, eds., 1978, p. 85), no pressuposto de que estes dois nomes partilhariam com ISAS uma mesma etimologia, quando, afinal, os três remetem para línguas e raízes distintas. Porém, ainda que 'Elisah e 'Īsā contivessem idêntica raiz, não vemos como seria possível detectá-la no NP ISAS(VS), considerando, por um lado, a distribuição geográfica e, por outro, o âmbito cronológico das fontes epigráficas que documentam este último.

Uma hipótese que não pode ser inteiramente descurada consiste em encontrar a origem de ISAS(VS) no paleobasco. No entanto, o nome *Isas* só se encontra documentado no basco medieval (Michelena, 1997⁵, p. 107-108, n.º 337), sem embargo da afinidade que se pode estabelecer entre este NP e o segmento inicial do teónimo ITSACVRRINE (dat.), constante de uma epígrafe recentemente publicada por Jimeno, Tobalina e Velaza (1998, p. 293). Tão-pouco será de descartar o relacionamento de ISAS com o líbio-berbere IZAS e IZAZCI (gen.) (Jongeling, 1994, p. 72).

isCeaáco. Estela de calcário. Camí del Molí (Terrateig, La Vall d'Albaida). Fletcher e Gisbert, 1994, p. 7.

Enquanto o primeiro elemento se encontra consignado em **isCe-ildun** (F.21.1), **isCe-nius** (F.9.8) e **isCe-unir** (G.17.1), **áco** parece não contar com qualquer paralelo na onomástica ibérica. Talvez haja que identificar este componente com o que encerra o NP *Belasco*, de origem paleobasca, mas apenas testemunhado em documentos medievais. Não pode, no entanto, ser rejeitada a hipótese de a segmentação correcta deste último NP ser *Belas-co* (Michelena, 1954/1985, p. 435; Ramírez, 1988, p. 157 e n. 32; Gorrochategui, 1995 b, p. 750), comparável ao ib. **belas-baiser** (D.10.1), ou *Bela-sco* (Michelena, 1997⁵, p. 69; Irigoyen, 1990, p. 12; Rivas, 1991, p. 292, n.º 1375; Boullón, 1999, p. 443).

laurberñton. Placas de chumbo. Pico de los Ajos (Yátova, Valência). *MLH* III 2, F.20.1, .2, .3.

Não temos dúvidas de que **laurberñton**, que se faz acompanhar dos sufixos **-Te** e **-añ**, é um NP (Faria, 1991b, p. 190, 1994b, p. 67), a despeito de Untermann (*MLH* III 2, p. 537) ver naquele vocábulo a designação de um cargo ou de um ofício. Embora manifestando alguma cautela, também Javier de Hoz (1981, p. 483, 484) considera que **laurberñton** é um NP. Entre os numerosos

NNP que integram o elemento onomástico **laur**, recordemos aqui **laurco**, impresso numa marca de ânfora recolhida em Jardí Park (Premià de Dalt, Barcelona) (Olesti, 1995, p. 422 e Fig. 3, 1998, p. 254, n. 9). **ber̄ton**, por seu lado, ocorre exclusivamente no paleobasco CORMERTONIS (gen.), nome do pai de um tal L CAELIVS AQVIT[ANV]S, ambos atestados numa inscrição de Idanha-a-Velha (Lambrino, 1956, p. 39-40, n.º 13, Almeida, 1956, p. 169, n.º 43; Albertos, 1964, p. 241-242, 1983, p. 879; Abascal, 1994, p. 102, 282, 335). Não nos repugna admitir, embora tal hipótese nos suscite algumas reservas, que aquele mesmo NP tenha estado na base de *Cormenzana*, apelido navarro de origem toponímica, através da dissimilação de **Cormertiana* < **Cormerton* (Albertos, 1972, p. 342).

O componente monossilábico reproduz-se em **ebař-cor** (Fletcher e Bonet, 1991-1992, p. 148; Faria, 1992-1993, p. 278, 1994b, p. 69, 1997a, p. 108) ou – se o distinto signo de vibrante denunciar a ocorrência de um segundo elemento onomástico – em **li-coř** (E.1.396) e em **basi-coř** (Untermann, 1998c, p. 12; Faria, 1999, p. 154). A alternância **ber̄ton**/MERTON encontra paralelos em BONX(S)VS/MONSVS (Gorrochategui, 1984, p. 236-237), **bařti**/Μαστία (García Moreno, 1993, p. 209-210), **bando(r)nius*/MANDONIVS (Rodríguez Ramos, 1999, p. 11), *Bunus/muno* (Orpustan, 1997³, p. 76), *buga/muga*, *Botorrita/Motorrita* e BVTVRRRA/MVTVRRRA (Jordán, 1999, p. 472-473, 477-479). A explicação para esta alternância parece residir na existência, tanto em ibérico como em paleobasco, de um único fonema labial, /m^b/, que, nas escritas grega e latina, seria representado por μ/M, β/B ou mesmo por (o)v/V (Michelena, 1957/1995, p. 129, 1977², p. 270-271, 274-275; Faria, 1991a, p. 18). Não deverá ser, pois, motivo de grande surpresa que a oscilação na realização do dito fonema ocorra igualmente no âmbito da própria escrita ibérica, nomeadamente em **uecuegi/becuegi** (MLH III 1, p. 143, n. 54; Faria, 1991a, p. 18, 1994a, p. 41, n.º 76, p. 55, n.º 391, 1995a, p. 80). Dá-se ainda o caso de, no supracitado chumbo grego de Pech Maho (IGAI 7), o fonema em questão estar representado tanto por v (e.g., em Ἐλερυας) como por β (e.g., em Γολο[v]βυρ (v. *supra*)).

A labial inicial aqui em análise não parece ser a mesma que encontramos na sequência intervocálica ibérica /nb/, sendo esta, com raras exceções, também representada em escrita latina por M (Michelena, 1957/1995, p. 131; Mariner, 1979, p. 76-79).

[mar]ce.cornel[i]. Placa de mármore. Ampurias (La Escala, Gerona). MLH III 2, C.1.1.

Conquanto o nome aqui recolhido não pertença à onomástica ibérica, decidimos incluí-lo neste estudo, dada a evidente relação que o mesmo tem com a língua e a escrita ibéricas. Na terceira linha de C.1.1, continuamos a preferir ler **[mar]ce.cornel[i]** (Faria, 1993a, p. 155-156, 1997a, p. 111) em detrimento de **lu]ce.corneli[---**], leitura veiculada por Gómez-Moreno (1949, p. 287) e por Untermann (MLH III 1, p. 205, MLH III 2, p. 20, 1995b, p. 310). Do nosso ponto de vista, transformar **[mar]ce** em **[lu]ci** (Gómez-Moreno, 1943, p. 265, 1949, p. 267; Siles, 1981, p. 105; Panosa, 1996, p. 231) não faz mais sentido do que ler **cornele** em lugar de **cornel[i]** (Velaza, 1991a, p. 101, n.º 397, 1991b, p. 292, 1996b, p. 42, 1998a, p. 72; Mayer e Velaza, 1993, p. 675). Noutros documentos, **luci** corresponde efectivamente a LVCIVS (MLH III 1, p. 206), mas, na lápide em questão, não é possível ler **ci** onde está **ce**. É certo que **cornel[ř]** seria uma das reconstituições que o exame paleográfico não desautorizaria (MLH III 2, p. 20), sendo em teoria igualmente admissíveis **cornel[a]** e **cornel[n]**; não nos parece, porém, que qualquer destas três leituras seja defensável.

Na segunda linha da mesma inscrição, encontramos um outro gentílico, **[cu]inti** (Faria, 1997a, p. 111), seguido de **Tan[---**], provável *cognomen* ibérico (Siles, 1981, p. 103; MLH III 2, p. 20; Faria, 1997a, p. 111), lido por Untermann (MLH III 2, p. 20) como **tane[**.

Gómez-Moreno (1943, p. 265) reconstituiu **inti tan** como [QV]INTI TAN[PILI], mas, seis anos depois, veio a arrepender-se de ter apresentado uma tal sugestão (Gómez-Moreno, 1949, p. 267). Neste momento, é conveniente recordar que o texto de 1949 (p. 257-281) não é, ao arrepio do que pretendem Untermann (*MLH* III 1, p. 40) e De Hoz (1991, p. 191), uma reprodução *ipsis uerbis* do supracitado artigo que Gómez-Moreno deu à estampa em 1943 (Gómez-Moreno, 1949, p. 257); Jürgen Untermann (*MLH* III 1, p. 40) chega, inclusive, a dar um título ao dito artigo – “La escritura ibérica y su lenguaje” – que não corresponde ao do original, mas ao da reformulação deste, vinda a lume em 1949.

Não sabemos se Gómez-Moreno encarava QVINTI como *praenomen* ou como *nomen*, mas Untermann (*MLH* III 2, p. 20) nem sequer chegou a ponderar esta última possibilidade, que nos parece a única viável. A transliteração ---**jindidan**, perfilhada por Silgo (1994, p. 182), terá naturalmente de ser descartada.

A ausência de *-u* nos nomes latinos em *-iu* verifica-se não só em **corneli** < CORNELIVS e **cuinti** < QVINTIVS mas também em **cai** < CAIVS, **luci** < LVCIVS e **tiberi** < TIBERIVS (*MLH* III 1, p. 205-206; Faria, 1997a, p. 110-111). A apócope de lat. *-us/-um* detecta-se igualmente em paleobasco (Michelena, 1969/1987, p. 95, n. 33, 1974/1987, p. 203, 214, 1977², p. 134; Irigoyen, 1990, p. 29-30; Trask, 1997, p. 346). Partindo do princípio que este é mais um fenómeno partilhado pelas fonologias paleobasca e ibérica, o facto de, pelo menos em paleobasco, a apócope referida se aplicar não só a NNP mas também a nomes comuns parece fragilizar a teoria de Correa (1993a, p. 103, n. 9), que recorre ao uso do vocativo para explicar a redução de lat. *-ius/-ium* para ib. **-i**. Em nosso entender, é ainda menos verosímil postular que os nomes latinos transmitidos em escrita ibérica e terminados em **-i**, exceptuando talvez os que constam das marcas anfóricas de Vieille-Toulouse (Oroz, 1987, p. 368; Luján, 1998, p. 398-399; Tchernia, 1999, p. 102, 104), se encontram em genitivo (*contra*, Rodríguez Ramos, 1995, p. 124; Panosa, 1999, p. 277, 288), dada a função sintáctica que cada um deles desempenha nos documentos que os transmitem, designadamente nas moedas (Siles, 1981, p. 109) e na inscrição *MLH* III 1, C.1.1. É verdade que há pelo menos uma dezena de emissões de denários romanos do período republicano que ostentam nomes de magistrados em genitivo, mas, tanto quanto sabemos, tal situação não é observável na numária hispânica (Faria, 1996b, p. 150), apesar da opinião em contrário manifestada por García-Bellido e Blázquez (1995, p. 385).

neselducu. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 344:17-25.

Depois da pormenorizada fundamentação que aduzimos (Faria, 1994a, p. 49-50, n.º 261, 1995a, p. 83-84) em abono da transliteração **neselducu** (**nes-eldu-cu** < **nes-ildu-cu*), Arévalo (1998, p. 210, 1999, p. 87), Velaza (1998a, p. 74) e Correa (1999, p. 380) não hesitaram em dar novo alento a **neseltuko**. Em várias ocasiões, Untermann (*MLHI* 1, p. 82, 338, 1976, p. 217, 1979, p. 51) incluiu com acerto o presente NP na onomástica ibérica, mas, mais tarde, deixou de o fazer (*MLH* III 1, p. 229) por razões que nunca chegou a expor.

NESILLE. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709.

Tivemos recentemente a oportunidade de demonstrar (Faria, 1995b, p. 324) que só o elemento **nes**, e não **neś**, está documentado em ibérico (*contra*, Correa, 1992, p. 266, n. 46, 1994a, p. 269, 271, 276, 1999, p. 379, 382; Gorrochategui, 1995a, p. 224, n. 94; Velaza, 1996b, p. 43; Quintanilla, 1998, p. 103-104, 198, 204). Por outro lado, **-ILLE** deve corresponder ao elemento onomástico **ildir** (Quintanilla, 1998, p. 243), e não a **ildi**, que, tal como **ildu**, nunca ocorre como último componente (*contra*, Correa, 1992, p. 266, n. 46). Com base nestas premissas, teremos de concluir que **NESILLE** constitui a latinização de **nesildir*.

odac(i)is. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 342:9.

Este NP foi lido de um modo correcto, com algumas ressalvas, por Javier de Hoz (1980, p. 314). Trata-se, com toda a probabilidade, de um nome idêntico a ODACIS, gravado em latim nas moedas de **Beuipo* (*CNH* 133:3-4), mas aqui escrito em caracteres meridionais (Faria, 1990-1991, p. 74, 81, 1992b, p. 43, 1994c, p. 51, n.ºs 283, 287; 1995a, p. 84, 1996b, p. 167). Até agora, nenhum investigador admitiu a bondade daquela transliteração, nem mesmo depois de termos encontrado um paralelo perfeito para este NP. No último lustro, Villaronga (*CNH*, p. 342, n.º 9), García-Bellido e Blázquez (1995, p. 419, n.º 278), Arévalo (1998, p. 210, 1999, p. 82), Quintanilla (1998, p. 44, 57, n. 37) e Velaza (1998a, p. 74) continuaram a preferir **otatiiis**. Os investigadores em causa persistem em prescrever a equivalência fonética entre o segundo silabograma de **bodilcois** e o terceiro de **odaciiis**, apesar da clara distinção entre as respectivas grafias; é pena que nenhum deles tenha levado em consideração as seguintes observações de Untermann: “**ti** zeigt auf einem Teil der Exple. deutlich einen Fußstrich (G. 18b); es ist nicht auszuschließen, daß es sich um ein anderes Graphem handelt (f: P. Beltrán, Maluquer; **ku**: Gómez-Moreno)” (*MLH* I 1, p. 335). Hoje sabemos que Gómez-Moreno (1961, p. 891, 937) não andava muito longe da verdade (Faria, 1995a, p. 84).

salbiriaf. Lâmina de chumbo. El Amarejo (Bonete, Albacete). Broncano, 1989, p. 96, 100, n.º 15.

O primeiro componente deste NP ibérico ocorre sem vibrante em **salbi-bi[...]** (F.9.2) e em **salbi-tas** (G.15.1) (Faria, 1990-1991, p. 77; 1994b, p. 68), ao passo que **iaf** está representado em **iscer-iaf**, NP igualmente gravado no chumbo de El Llano de la Consolación (G.15.1), e outros NNP também recolhidos por Untermann (*MLH* III 1, p. 222) (Faria, 1992-1993, p. 278).

**Salpas*. Moedas. *Colonia Victrix Iulia Lepida* (Velilla del Ebro, Saragoça). *RPC* I 264; *CNH* 224:22-23.

Cognomen de um pretor duúnviro da *Colonia Victrix Iulia Lepida* — cidade que ainda hoje continua a ser confundida com a norte-africana *Leptis* (Rizzo, 1995, p. 395) —, SALPA (abl.) deve constituir a latinização do NP ibérico **salbaś* ou, com menor grau de probabilidade, **salbaś* (Faria, 1994a, p. 53, n.º 328, 1994b, p. 70, 1995b, p. 328, 1996b, p. 171). Sem se pronunciarem sobre a sua origem linguística, Alfaro et al. (1998, p. 431) continuaram a preferir a interpretação tradicional: P(*ublius*) SALPA. Caso tivesse perflhado as conclusões que extraímos da análise deste NP, Quintanilla (1998, p. 253) não teria com certeza declarado que “en escritura latina no hay casos de ensordecimiento de oclusiva labial tras lateral”. O elemento inicial parece repetir-se em SALTIGI < ib. **sal-tigj*, NL que nada deve ter que ver com **saldue** (Plin. *nat.* 3. 24: *Saldubia* < ib. **saldubi-e*) ou com **salduco** (**saldu-co**) (*contra*, Untermann, 1998a, p. 81).

šibibolai. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 342:8.

Ao tratar de **šibibolai**, Arévalo (1999, p. 77) escreve o seguinte: “Este signo sólo aparece, con seguridad, en el antropónimo obulconense leído hasta ahora como *šitubolai*, al interpretar el *G19b* como *tu*, pero con la nueva lectura dada a este signo tendremos que transcribirlo como *šibibolai*”. Algumas páginas adiante, Arévalo (1999, p. 80) prossegue: “Nosotros proponemos una nueva lectura para este elemento onomástico, al considerar el signo *G19b* como *bi* [...], por lo que trascribimos como *šibi*”. Atendendo a que Alicia Arévalo não desconhece os trabalhos que anteriormente advogaram a transliteração **šibibolai** (De Hoz, 1980, p. 314; Faria, 1990-1991, p. 74, 1991a, p. 17, 1994a, p. 53, n.º 344, 1996b, p. 172, 1998a, p. 125, 1998c, p. 236),

as supracitadas frases da autora em apreço configuram um despidoroso caso de plágio. A propósito deste desagradável assunto, manda a verdade que assinalemos o seguinte: a Dra. Arévalo (1999), contrariando a postura que lhe conhecíamos (Arévalo, 1996, p. 46, 47, 51, 66, 1998, p. 203, 205, 214-215, 406, 411), omitiu intencional e sistematicamente todos os trabalhos que dedicámos às moedas de *Obulco*, no que constitui o mais acabado exemplo de desprezo pelo trabalho alheio. É certo que o livro em causa (Arévalo, 1999) teve por base a tese de doutoramento da autora, intitulada “Las monedas de *Obulco*”, defendida na Universidade Autónoma de Madrid em 1993. Não obstante, convém ter presente que a Dra. Arévalo procedeu a uma actualização da referida tese, constando da bibliografia final que encerra o volume em causa 25 títulos publicados entre 1993 e 1998, distribuídos anualmente deste modo: sete em 1993, sete em 1994, seis em 1995, três em 1997 e dois em 1998.

Já anteriormente Arévalo havia trocado **situbolai** (Arévalo, 1987, p. 32, 1989, p. 144) por **sibibolai** (Arévalo, 1998, p. 208), não tendo, nessa oportunidade, chegado ao extremo de reivindicar a autoria da referida transliteração, o que veio a fazer um ano depois. De resto, também encontramos **sibibolai** num texto assinado por Chaves (1998b, p. 297), limitando-se esta numismata a remeter para o supracitado trabalho de Arévalo (1998), talvez por constar da mesma monografia.

Em contrapartida, Siles (1985, p. 309, n.º 1385), Curchin (1990, p. 156, n.º 189), Untermann (*MLH* III 1, p. 231, 1996d, p. 130, 1997, p. 139, *MLH* IV, p. 591), Villaronga (*CNH*, p. 342, n.º 8, 1998, p. 66), García-Bellido e Blázquez (1995, p. 420, n.º 350), García-Bellido e Ripollès (1997b, p. 284), Collantes (1997, p. 178), Quintanilla (1998, p. 135) e Velaza (1998a, p. 74), numa postura mais fiel à tradição, continuaram a subscrever a leitura **situbolai**.

SISIQ[V?]. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 351:72.

A foto apresentada por Arévalo (1999, lám. 38, n.º 1065) leva-nos agora a abandonar a leitura SISIQOL(...?), que postulámos em ocasiões anteriores (Faria, 1994a, p. 53, n.º 349, 1996b, p. 173).

SOSINESTANI. Tábua de bronze. *Contrebia Belaisca* (Cabezo de las Minas de Botorríta, Zaragoza). Fatás, 1980, p. 66-67.

O nome ibérico que subjaz a SOSINESTANI é **sosines* (Fatás, 1980, p. 67), sendo este, por sua vez, segmentável em **so-sin-(n)es** ou, com menor grau de verosimilhança, em **so-sin-es**. A decomposição professada por Untermann (1996c, p. 182, n. 46) — **so-sin-esto* > SOSINESTANI — afigura-se-nos pouco plausível. Tão-pouco vislumbramos qualquer razão conducente a encarar o NP **sesin** como variante de **so-sin** (*contra*, Untermann, 1996c, p. 182). A consideração de SVSIN e SOSVN como variantes de **so-sin** resulta exclusivamente do facto de aquelas configurarem latinizações deste elemento onomástico ibérico (Correa, 1993b, p. 331, 1994a, p. 270, 1999, p. 381; Faria, 1997a, p. 106; Quintanilla, 1998, p. 154; *contra*, *MLH* III 1, p. 202; De Hoz, 1994b, p. 175; Panosa, 1996, p. 234), sendo, por conseguinte, deveras improvável que algum dia aquelas duas variantes venham a estar documentadas em escrita epicórica. Idêntico raciocínio deve aplicar-se a ORDVN em relação a **ordin** (*contra*, Gorrochategui, 1984, p. 249, n.º 275, 1995a, p. 224, 1995c, p. 55; *MLH* III 1, p. 229; De Hoz, 1994b, p. 175).

TARTIGAR[---]. Placa de calcário. Sagunto (Valência). Beltrán, F., 1980, p. 103, n.º 88.

Quando nos ocupámos recentemente deste NP ibérico (Faria, 1999, p. 159), não nos referimos por lapso ao que sobre ele já havia escrito Luis Silgo (1988, p. 72, 1994, p. 129). Assim, este investigador entendeu fazer corresponder TARTI a **tartin** e GAR[---] a **garí**. Contudo, conside-

rando, por um lado, que o elemento inicial está também documentado sem nasal em **tarti-celes** (Faria, 1997a, p. 110) e, por outro, que o segundo componente está truncado, não podemos deixar de colocar algumas reservas à correspondência estabelecida por Silgo.

tibeśdar. Placa de chumbo. “Barranco del Rey” (Sierra de Gádor, Almería). *MLH III 2*, H.1.1.

NP composto por **tibeś** e **dar** (Faria, 1990-1991, p. 76, 88). **tibeś** encontra-se documentado em **[bi]ur-tibeś** (C.2.4) e em **tibeś-bir** (C.2.21); **dar**, além de poder estar presente em **dar-ira** (Faria, 1995b, p. 326; *MLH IV*, p. 112), ocorre em VRGI-DAR (TSall) < **urgi-dar**, **abar-dar** (F.13.2) e **icor-dar** (F.20.3). A semelhança entre **tibeś** e **beś** não deve ser casual, afigurando-se igualmente legítimo aproximar **tibaś** de **baś** e **tileis** de **leis**, todos eles elementos nominais (Pérez Orozco, 1993b, p. 62; Faria, 1995b, p. 328). Untermann (*MLH IV*, p. 144 e n. 7) admite que o segundo grafema deste NP, que transliteramos como **be** (Faria, 1990-1991, p. 76, 78, 88), corresponde a **ba**. Porém, como este autor bem sabe (*MLH III 1*, p. 145, *MLH III 2*, p. 640), o silabograma representante de **ba** já se encontra atestado na inscrição em apreço, pelo que o valor fonético mais provável para aquele grafema, documentado por oito vezes no mencionado chumbo, deverá ser **be**, valor caucionado pela existência do segmento onomástico ibérico **tibeś**, acima referido (Faria, 1998e, p. 128). Importa assinalar que o signo em questão tem o mesmo valor numa das tésseas celtibéricas de Viana (K.18.1) (*MLH IV*, p. 697).

VINIT. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH 350:65*.

Nesta legenda de problemática interpretação, inclinamo-nos provisoriamente por VINIT (Faria, 1994a, p. 56, n.º 399) em detrimento de VIINIIT, leitura preconizada por Quintanilla (1998, p. 44, n. 10) e Arévalo (1999, p. 90).

uisebartas. Placa de chumbo. El Cigarralejo (Mula, Murcia). *MLH III 2*, G.13.1.

Em vez de **suisebartas** (*MLH III 1*, p. 232; Untermann, 1996d, p. 130, 1998a, p. 81; Quintanilla, 1998, p. 145, 236, 276), preferimos, na esteira de Michelena (1979, p. 31), isolar o NP **uisebartas** (Faria, 1991b, p. 189, 1994b, p. 68), aqui precedido do morfema **baides** (*MLH III 1*, p. 183). Além de **uisebartas**, há pelo menos outros três NNP ibéricos referenciados no chumbo de El Cigarralejo: **lagutas** (*MLH III 1*, p. 228), **sacarbes** (*MLH III 1*, p. 230; Faria, 1995b, p. 328) e **ganikbos** (*MLH III 1*, p. 225). Estranhamente, J. de Hoz (1998, p. 220) não reconhece a existência de nenhum deles: “(...) no hay ninguna indicación formal que reenvíe a un destinatario, o menciones de NNP de otro tipo (...)”.

urCailbi. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH 344:17-25*.

Javier de Hoz (1980, p. 314) demonstrou que o NP até há vinte anos lido como **urCaildu** devia ler-se como **urCailbi**, transliteração que, a nosso ver, é inquestionável (Faria, 1990-1991, p. 74, 81, 1991a, p. 17-18, 1991b, p. 191-192, 1992b, p. 44, 1993a, p. 154-155, 1993b, p. 139, 1994c, p. 123, 1995a, p. 85-86, 1995b, p. 328); mesmo assim, o NP que nos ocupa continuou a ser lido como **urCaildu** por García-Bellido (1982, p. 112), Albertos (1983, p. 880, 1987, p. 142), Siles (1985, p. 319, n.º 1441), Ripollès (1986a, p. 146, n.º 146, 1986b, p. 297, n.º 141), Tovar (1987, p. 20), Arévalo (1987, p. 33, 1989, p. 144, 1998, p. 210, 220, 1999, p. 81), Oroz (1990, p. 347), Untermann (*MLH III 1*, p. 224, 1995c, p. 741, 1998a, p. 77), Curchin (1990, p. 157, n.º 197), F. Beltrán (1993, p. 853), Gorrochategui (1984, p. 288, 1987, p. 440, 1993a, p. 416, 1995a, p. 224), Quintanilla (1993, p. 732, 1998, p. 75, 88, 121, 131, 201, n. 43, p. 238, n. 60, p. 252), Correa (1994a, p. 277), Silgo (1994, p. 178, 252), Villaronga (*CNH*, p. 344), García-Bellido e Blázquez (1995, p. 421), Caballos (1996,

p. 199), Panosa (1996, p. 235), Velaza (1996b, p. 43, 1998a, p. 74) e Villar (2000, p. 138, 214-215). Surpreendentemente, nenhum destes autores chegou sequer a apresentar **urCailbi** como variante de leitura. Tal é o caso de Arévalo (1999, p. 76), que postulou a equivalência fonética entre o sexto signo de **neselducu** e o silabograma que encerra **urCailbi**, considerando aquele uma variante adornada deste último. É claro que tudo isto não faz o menor sentido, sobretudo se tivermos em atenção que ambos os nomes se encontram gravados numa mesma emissão. Talvez vejamos um dia advogada a tese de que a gritante distinção gráfica entre os dois silabogramas, se não passar de um mero capricho do gravador levado à prática apenas neste caso, deverá simbolizar uma determinada característica física ou psíquica de um dos magistrados, já que, como foi atrás indicado, na opinião de Arévalo (1999, p. 76), um dos signos constitui uma versão adornada do outro...

Francisco Villar, no seu mais recente livro, já citado, destinado a provar a intrigante teoria de que não há praticamente nenhum topónimo hispânico pré-romano que não seja, pelo menos em parte, de origem indo-europeia, aludiu à presença em *Obulco* de um ORCAILV, NP que dificilmente escaparia à condição de correlato do indígena **urcaildu** (Villar, 2000, p. 213-215). Acontece, no entanto, que, se este último está apenas mal lido, o dito ORCAILV, pura e simplesmente, nunca existiu.

Não faz nenhum sentido continuar a defender que VRCHAIL (*CIL* II 1087) e **urCail** (*CNH* 342:8) constituem a abreviação de **urCaildu** (*contra*, Siles, 1985, p. 319, n.º 1441; Untermann, 1987, p. 309, *MLH* III 1, p. 237-238, 1996c, p. 179; Quintanilla, 1998, p. 75, 131, 252; Arévalo, 1999, p. 81), até porque, tal como já vimos *supra*, esta última transliteração deve ser definitivamente excluída. Em boa verdade, se o nome completo do magistrado de *Obulco* (*CNH* 342:8), em vez de **urCail**, fosse **urCaildu** ou **urCailbi**, haveria espaço suficiente nos cunhos para a gravação de um último signo (Faria, 1993a, p. 155); isto mesmo pode ser corroborado mediante a observação das moedas n.ºs 151 e 156 do livro de Alicia Arévalo (1999, lám. XII). A propósito deste assunto, vale a pena recordar as sábias palavras de um acérrimo defensor da abreviação de **urCail**/VRCHAIL (*MLH* I 1, p. 76, 82, 337), respeitantes a uma outra inscrição: “Pero, dado que no falta espacio detrás de *titos*, no se ve ningún motivo para abreviar la palabra por una sola letra” (Untermann, 1999, p. 642). Esta e outras razões, que expusemos pormenorizadamente em artigos anteriores (Faria, 1990-1991, p. 81, 1991a, p. 17-18, 1991b, p. 191-192, 1992b, p. 44, 1993a, p. 154-155, 1995a, p. 85-86), levam-nos também a acreditar que VRCHAIL/**urCail** e **urCailbi** (**urCail-bi**) dificilmente pertencerão à onomástica ibérica (*contra*, De Hoz, 1989, p. 553, 561, 1993, p. 646 e n. 28; Curchin, 1990, p. 157; Beltrán, F., 1993, p. 853; Correa, 1994a, p. 277; Velaza, 1995, p. 213; Caballos, 1996, p. 199; Fear, 1996, p. 205; Untermann, 1996c, p. 179, 1997, p. 143; Quintanilla, 1998, p. 37, Arévalo, 1999, p. 81). Uma tal atribuição é contrariada quer pela designação completa de VRCHAIL (*CIL* II 1087) – VRCHAIL ATITTA F CHILVASVRGVN – quer pela procedência meridional dos NNP supracitados, aos quais importa juntar VRHELA (*HEp* 2, 1990, 336) e SISVCVRHIL (*CNH* 134:9) (Faria, 1993a, p. 154-155).

[V]RESVNIN. Placa de mármore. Sagunto (Valência). *CIL* II² 14 (1) 438.

Luis Silgo (1988, p. 75, 1994, p. 252; v., igualmente, Faria, 1995b, p. 328) escreveu quase tudo o que havia a dizer sobre este NP. Resta apenas assinalar que, sendo [V]RESVNIN o *cognomen* de um tal CORNELIVS, não é possível continuar a sustentar que **unin** corresponde exclusivamente a indivíduos do sexo feminino (Faria, 1998d, p. 233; *contra*, Luján, 1997, p. 278, n. 9; Valladolid, 1998, p. 251, 253; Rodríguez Ramos, 1999, p. 10).

BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL, J. M. (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.
- ALARCÃO, J. de (1983³) - *Portugal romano*. 3.ª ed. (1973¹). Lisboa: Verbo (Col. "Historia Mundi"; 33).
- ALARCÃO, J. de (1988) - *Roman Portugal. II: Gazetteer. 2: Coimbra & Lisboa*. Warminster: Aris & Phillips.
- ALBERTOS, M.ª L. (1964) - Nuevos antropónimos hispánicos. *Emerita*. Madrid. 32, p. 209-252.
- ALBERTOS, M.ª L. (1966) - *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: Universidad.
- ALBERTOS, M.ª L. (1972) - La antroponimia en las inscripciones hispanorromanas del País Vasco. Reflejos de la onomástica personal de época romana en los topónimos alaveses. *Estudios de Deusto*. Bilbao. 20:46 [La romanización del País Vasco (Segunda Semana de Antropología Vasca), Universidad de Deusto 24 abril 1971, Bilbao: Universidad de Deusto], p. 335-356.
- ALBERTOS, M.ª L. (1983) - Onomastique personnelle indigène de la Péninsule Ibérique sous la domination romaine. In TEMPORINI, H.; HAASE, W., eds. - *Aufstieg und Niedergang der römische Welt*, II.29.2. Berlin-New York: Walter de Gruyter, p. 853-889.
- ALBERTOS, M.ª L. (1987) - Las aspiradas en las lenguas paleohispánicas: la F y la H. In GORROCHATAGUI, J.; MELENA, J. L.; SANTOS, J., eds. - *Studia palaeohispanica. Actas del IV Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Vitoria/Gasteiz, 6-10 Mayo 1985)* [Veleia. Vitoria-Gasteiz. 2-3, 1985-1986], Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, p. 139-143.
- ALFARO, C. [et al.] (1998) - *Historia monetaria de Hispania antigua*. Madrid: Jesús Vico.
- ALLIÈRES, J. (1994) - De l'aquitain au basque. In ORPUSTAN, J.-B., ed. - *La langue basque parmi les autres: influences, comparaisons. Actes du Colloque international de l'URA 1055 du C.N.R.S. (Bayonne 27-28 septembre 1993)*. Baïgorry (Pyrénées Atlantiques): Izpegi, p. 59-70.
- ALMEIDA, F. de (1956) - *Egitânia: história e arqueologia*. Lisboa: Universidade.
- ÁLVAREZ BURGOS, F. (1992) - *La moneda hispánica desde sus orígenes hasta el siglo V*. Madrid: Vico & Segarra.
- ARASA, F.; IZQUIERDO, I. (1998) - Estela antropomorfa con inscripción ibérica del Mas de Barberán (Nogueruelas, Teruel). *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 71, p. 79-102.
- ARÉVALO, A. (1987) - Las monedas de Obulco. *Revista de Arqueología*. Madrid. 74, p. 29-35.
- ARÉVALO, A. (1989) - Las monedas bilingües de Obulco. *Gaceta Numismática*. Barcelona. 94-95, p. 143-147.
- ARÉVALO, A. (1998) - Las acuñaciones ibéricas meridionales, turdetanas y de Salacia en la Hispania Ulterior. In ALFARO ASINS, C. et al. - *Historia monetaria de Hispania antigua*. Madrid: Jesús Vico, p. 194-232.
- ARTEAGA, O.; CORREA, J. A. (1994) - Inscripción vascular indígena hallada en Obulco (Porcuna, Jaén) y su contexto arqueológico. In MANGAS, J.; ALVAR, J., eds. - *Homenaje a José M.ª Blázquez*. 2. Madrid: Ediciones Clásicas, p. 45-58.
- ASENSIO, J. Á. (1995) - *La ciudad en el mundo prerromano en Aragón*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Caesaraugusta*. Zaragoza. 70).
- AZCARATE, A.; GARCÍA CAMINO, I. (1996) - *Estelas e inscripciones medievales del País vasco (siglos VI-XI)*. I. País Vasco occidental. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- BÄHR, G. (1948) - Baskisch und Iberisch IV. Das Iberische. *Eusko-Jakintza*. Bayonne. 2:4-5, p. 381-455.
- BELTRÁN, A. (1964) - Sobre el rótulo *ilduradin* en una estampilla de Azaila (Teruel). *Caesaraugusta*. Zaragoza. 21-22, p. 19-45.
- BELTRÁN, F. (1980) - *Epigrafía latina de Saguntum y su territorium*. Valencia: Servicio de Investigación Prehistórica (Serie de Trabajos Varios; 67).
- BELTRÁN, F. (1993) - Un nuevo antropónimo vasconico en la comarca de las Cinco Villas (Zaragoza). In *Homenatge a Miquel Tarradell*. Barcelona: Generalitat de Catalunya, etc., p. 843-858.
- BELTRÁN, F. (1995) - La escritura en la frontera. Inscripciones y cultura epigráfica en el valle medio del Ebro. In BELTRÁN, F., ed. - *Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en Occidente: Actas del Coloquio Roma y las primeras culturas epigráficas del Occidente mediterráneo (siglos II a.E. - I d.E.) (Zaragoza, 4 a 6 de noviembre de 1992)*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 169-195.
- BELTRÁN, F. (1996a) - Romanización inicial en la Celtiberia: las inscripciones de Caminreal y Botorrita. In REBORDA, S.; LÓPEZ BARJA, P., eds. - *A cidade e o mundo: romanización e cambio social (Actas do Curso de Verán da Universidade de Vigo, celebrado en Xinzo de Limia, do 3 ó 7 de xullo de 1995)*. Xinzo de Limia: Concello, p. 125-145.
- BELTRÁN, F. (1996b) - Una liberalidad en la Puebla de Híjar y la localización del Municipium Osicerda (Teruel). *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 69, p. 287-294.
- BELTRÁN, F. (1996c) - La estructura del texto como listado de fórmulas onomásticas. In BELTRÁN, F.; DE HOZ, J.; UNTERMANN, J., eds. - *El tercer bronce de Botorrita*. Zaragoza: Diputación General de Aragón, Departamento de Educación y Cultura, p. 66-96.
- BELTRÁN, M. (1970) - *Las ánforas romanas en España*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico".
- BELTRÁN, M. (1996) - *Los Iberos en Aragón*. Zaragoza: Caja de Ahorros de la Inmaculada de Aragón (Colección "Mariano de Pano y Ruata"; 11).
- BENAGES, J. (1990) - Escritura ibérica sobre plom. *Butlletí Arqueològic*. Tarragona. Època V. 12, p. 41-47.
- BLANC-BIJON, V.; CARRE, M.-B.; HESNARD, A.; TCHERNIA, A. (1998) - *Recueil de timbres sur amphores romaines II (1989-1990 et compléments 1987-1988)*. Aix-en-Provence: Université de Provence (Travaux du Centre Camille Jullian; 20).

- BLANCO, J. F. (1990) - Nuevas aportaciones a la circulación monetaria ibérica de Coca (Segovia). *Gaceta Numismática*. Barcelona. 97-98, p. 13-17.
- BLANCO, J. M.; SÁEZ, J. A. (1999) - Sobre una moneda inédita de Ilberit/Ilberri. *Gaceta Numismática*. Barcelona. 135, p. 5-9.
- BOULLÓN, A. I. (1999) - *Antroponimia medieval galega (ss. VIII-XII)*. Tübingen: Niemeyer (Patronymica Romanica; 12)
- BOUDA, Ch. (1950) - Remarques sur quelques nouvelles interprétations ibères. *Eusko-Jakintza*. Bayonne. 4:1-3, p. 71-73.
- BRONCANO, S. (1989) - *El depósito votivo ibérico de El Amarejo, Bonete (Albacete)*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- BURILLO, F. (1998) - *Los Celtíberos: etnias y estados*. Barcelona: Crítica.
- CABALLOS, A. (1996) - Testimonios recientes con referencia a municipios. In ORTIZ, E.; SANTOS, J., eds. - *Teoría y práctica del ordenamiento municipal en Hispania. Actas del Symposium de Vitoria-Gasteiz (22 a 24 de noviembre de 1993)* (Revisiones de Historia Antigua; 2). Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, p. 177-210.
- CALLEJO, C. (1967) - Cédulas epigráficas del campo norbense. *Zephyrus*. Salamanca. 18, p. 85-119.
- CAMPAJO, P.; UNTERMANN, J. (1993) - Les influences ibériques dans la Haute Montagne catalane: le cas de la Cerdagne. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 499-520.
- CANTO, A. M.ª; INIESTA, J.; AYERRA, J. (1998) - Epigrafía funeraria inédita de un área romana inédita: Tafalla y el valle del río Cidacos (Navarra). *Cuadernos de Arqueología de la Universidad de Navarra*. Pamplona. 6, p. 63-98.
- CAPALVO, Á. (1996) - *Celtiberia: un estudio de fuentes literarias antiguas*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico".
- CASILLAS, J. M. (1999) - Biblia. In MANGAS, J.; PLÁCIDO, D., eds. - *Testimonia Hispaniae Antiqua II B (T. H. A.)*. La Península Ibérica prerromana de Éforo a Eustacio. Madrid: Editorial Complutense; [Mérida]: Fundación de Estudios Romanos, p. 433-446.
- CASTILLO, C. (1986) - De epigrafía republicana hispano-romana. In *Actas de la Reunión sobre epigrafía hispánica de época romano-republicana*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 141-150.
- CASTILLO, C. (1997a) - Onomástica personal en las inscripciones romanas de Navarra. *Cuadernos de Arqueología de la Universidad de Navarra*. Pamplona. 5, p. 127-144.
- CASTILLO, C. (1997b) - Vestigia antiquitatis: *Escritos de epigrafía y literatura romanas*. Pamplona: Universidad de Navarra.
- CHAVES, F. (1998a) - The Iberian and early Roman coinage of Hispania Ulterior Baetica. In KEAY, S., ed. - *The Archaeology of Early Roman Baetica*. Portsmouth, RI (The Journal of Roman Archaeology Supplementary Series; 29), p. 147-170.
- CHAVES, F. (1998b) - Amonedación de las cecas latinas de la Hispania Ulterior. In ALFARO, C. [et al.] - *Historia monetaria de Hispania antigua*. Madrid: Jesús Vico, p. 233-317.
- CHAVES, F. (1999) - El papel de los "itálicos" en la amonedación hispana. *Gerión*. Madrid. 17, p. 295-315.
- CHIC, G. (1985) - *Epigrafía anfórica de la Bética, I: las marcas impresas en el barro sobre ánforas olearias (Dressel 19, 20 e 23)*. Sevilla: Universidad.
- CHRISTOL, M. (1992) - Inscriptions de Nîmes avec éléments d'onomastique indigène (IACN 4-6). In CHRISTOL, M., ed. - *Inscriptions antiques de la cité de Nîmes IACN-21*. Nîmes: Ville de Nîmes (Cahiers des Musées et Monuments de Nîmes; 11).
- CIL I² = LOMMATZSCH, E., ed. (1918) - *Corpus Inscriptionum Latinarum. Inscriptiones Latinae antiquissimae. Pars II, fasc. I*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II = HÜBNER, E. (1869) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II²/14 (1) = ALFÖLDY, G [et al.] (1995) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars XIV: conuentus Tarraconensis. Fasc. I: Pars meridionalis conuentus Tarraconensis*. Berlin-New York: Walter de Gruyter.
- CNH = VILLARONGA, L. (1994) - *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- COLLANTES, E. (1997) - *Historia de las cecas de Hispania antigua*. [S.l.]: Arkis.
- CORREA, J. A. (1992) - Representación gráfica de la oposición de sonoridad en las oclusivas ibéricas (semisilabario levantino). *AION* Napoli. 14, p. 253-291.
- CORREA, J. A. (1993a) - Antropónimos galos y ligures en inscripciones ibéricas. In ADIEGO, I.-J.; SILES, J.; VELAZA, J., eds. - *Studia palaeohispanica et indogermanica J. Untermann ab amicis hispanicis oblata*. Barcelona: Universitat, p. 101-116.
- CORREA, J. A. (1993b) - [Recensão a] UNTERMANN, J., *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*, Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990, 339 + 661 pp. *Habis*. Sevilla. 24, p. 328-332.
- CORREA, J. A. (1994a) - La lengua ibérica. *Revista Española de Lingüística*. Madrid. 24:2, p. 263-287.
- CORREA, J. A. (1994b) - El topónimo Ilipa (Alcalá del Río, Sevilla). In SÁEZ, P.; ORDÓÑEZ, S., eds. - *Homenaje al Profesor Presedo*. Sevilla: Universidad, p. 333-340.
- CORREA, J. A. (1999) - Las nasales en ibérico. In VILLAR, F.; BELTRÁN, F., eds. - *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: Actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de Marzo de 1997)*. Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 375-396.
- CURCHIN, L. A. (1991) - *Roman Spain: Conquest and Assimilation*. London-New York: Routledge.

- CURCHIN, L. A. (1990) - *The Local Magistrates of Roman Spain*. Toronto: University of Toronto Press (Phoenix. Supplementary volume; 28).
- DIOGO, A. M. D. (1982) - Moedas da Lusitânia. In *Actes du Troisième Symposium International de Thracologie (Palma de Mallorca, 16-19 novembre 1981)*. Roma: Nagard, p. 294-299.
- DOMÍNGUEZ, A. (1998) - Las acuñaciones ibéricas y celtibéricas de la *Hispania Citerior*. In ALFARO, C. [et al.] - *Historia monetaria de Hispania antiqua*. Madrid: Vico, p. 116-193.
- E.R.Ter. = NAVARRO, M. (1994) - *La epigrafía romana de Teruel*. Teruel: Instituto de Estudios Turolenses; Zaragoza: Departamento de Ciencias de la Antigüedad, Arqueología; Bordeaux: Centre Pierre Paris, Université Michel de Montaigne, Bordeaux III.
- ETIENNE, R.; MAKAROUN, Y.; MAYET, F. (1994) - *Un grand complexe industriel a Tróia (Portugal)*. Paris: De Boccard.
- FARIA, A. M. de (1989) - A numária de *Cantnipo. *Conimbriga*. Coimbra. 28, p. 71-99.
- FARIA, A. M. de (1990-1991) - Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Porto. Nova série. 11-12, p. 73-88.
- FARIA, A. M. de (1991a) - Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 13-22.
- FARIA, A. M. de (1991b) - [Recensão a] UNTERMANN, J., *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*, Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990, 339 + 661 pp. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 187-197.
- FARIA, A. M. de (1992a) - [Recensão a] JAVIER VELAZA, *Léxico de inscripciones ibéricas: 1976-1989*. Barcelona, 1991, 204 p. *Conimbriga*. Coimbra. 31, p. 191-195.
- FARIA, A. M. de (1992b) - Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. Aljustrel. 1, p. 39-48.
- FARIA, A. M. de (1993a) - A propósito do V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penélope*. Lisboa. 12, p. 145-161.
- FARIA, A. M. de (1993b) - [Recensão a] CURCHIN, Leonard A. - *The Local Magistrates of Roman Spain* (Phoenix, Supplementary volume; 28), Toronto: University of Toronto Press, 1990, 275 p. *Vipasca*. Aljustrel. 2, p. 136-140.
- FARIA, A. M. de (1994a) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 15, p. 33-60.
- FARIA, A. M. de (1994b) - Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 65-71.
- FARIA, A. M. de (1994c) - [Recensão a] Leandre VILLARONGA, *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*, Madrid, José A. Herrero, S. A., 1994, XXII + 519 pp. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 121-124.
- FARIA, A. M. de (1995a) - Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. Aljustrel. 4, p. 79-88.
- FARIA, A. M. de (1995b) - Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Porto. Nova série. 16, p. 323-330.
- FARIA, A. M. de (1996a) - [Recensão a] TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja J-29: Lisboa. Sobre la base cartográfica a escala 1:1 del IGN. Emerita-Scallabis-Pax Julia-Gades. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente-Ministerio de Cultura, 1995, 220 pp + mapa. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 227-234.
- FARIA, A. M. de (1996b) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas: correcções e aditamentos. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 149-187.
- FARIA, A. M. de (1997a) - Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. Aljustrel. 6, p. 105-114.
- FARIA, A. M. de (1997b) - Moedas da época romana cunhadas no actual território algarvio. In FARIA, A. M. de; BARATA, M. F., eds. - *Noventa séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, p. 361-371.
- FARIA, A. M. de (1998a) - [Recensão a] COLLANTES, E., 1997, *Historia de las cecas de Hispania antiqua*. [S.l.]: Arkis, 395 + XLIX pp. *Vipasca*. Aljustrel. 7, p. 123-126.
- FARIA, A. M. de (1998b) - [Recensão a] ALFARO, C.; ARÉVALO, A.; CAMPO, M.; CHAVES, F.; DOMÍNGUEZ, A.; RIPOLLÈS, P. P. - *Historia monetaria de Hispania antiqua*. Madrid: Jesús Vico, S.A. Editores, 1998. 441 p. ISBN 84-8571117-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 241-256.
- FARIA, A. M. de (1998c) - [Recensão a] QUINTANILLA, Alberto - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. 325 p. (Veleia: Revista de Prehistoria, Historia Antigua, Arqueología y Filologías Clásicas. Anejos. Serie Minor; 11). ISBN 84-8373-041-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 232-240.
- FARIA, A. M. de (1998d) - [Recensão a] SILGO, L. (1994), *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, 1994, 271 p. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 228-234.
- FARIA, A. M. de (1998e) - [Recensão a] UNTERMANN, Jürgen, *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen [Inschriften]*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert, 1997, 758 pp. *Vipasca*. Aljustrel. 7, p. 127-129.
- FARIA, A. M. de (1999) - Novas notas de onomástica hispânica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, p. 153-161.
- FATÁS, G. (1980) - *Contrebia Belaisca (Botorrta, Zaragoza) II. Tabula Contrebiensis*. Zaragoza: Universidad.
- FEAR, A. T. (1996) - *Rome and Baetica: Urbanization in Southern Spain c. 50 BC - AD 150*. Oxford: Clarendon Press.
- FLETCHER, D. (1989) - Voces ibéricas de la región de Valencia (España). *Archéologie en Languedoc*. Lattes. 4, p. 103-106.
- FLETCHER, D.; BONET, H. (1991-1992) - Bastida VI. Nuevo plomo escrito de la Bastida de les Alcuses (Mogente, Valencia). *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia. 7-8, p.143-150.

- FLETCHER, D.; GISBERT, J. A. (1994) - Hallazgo de una inscripción ibérica en el Camí del Molí (Terrateig, La Vall d'Albaida). *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 21, p. 343-353.
- FLETCHER, D.; SILGO, L. (1991-1993) - Notas sobre un plomo ibérico de procedencia desconocida. *Acta Numismática*. Barcelona. 21-23 (= *Homenatge al Dr. Leandre Villaronga*), p. 89-92.
- GANGUTIA, E. (1999) - Hecateo y las inscripciones griegas más antiguas de la Península Ibérica. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 72, p. 3-14.
- GARCÍA ALONSO, J. L. (1995) - *La Geografía de Claudio Ptolomeo y la Península Ibérica*. Salamanca: Universidad (tese de doutoramento em microfichas) (Colección Vitor; 31).
- GARCÍA-BELLIDO, M.ª P. (1982) - *Las monedas de Cástulo con escritura indígena. Historia numismática de una ciudad minera*. Barcelona: Asociación Numismática Española.
- GARCÍA-BELLIDO, M.ª P. (1990) - *El tesoro de Mogente y su entorno monetario*. València: Conselleria de Cultura, Educació i Ciència (Estudis Numismàtics Valencians; 5).
- GARCÍA-BELLIDO, M.ª P. (1993) - El proceso de monetización en el Levante y Sur hispánico durante la Segunda Guerra Púnica. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 317-347.
- GARCÍA-BELLIDO, M.ª P. (1997) - Coinage and ethnicity in Celtic Spain. *Zeitschrift für Celtische Philologie*. Tübingen. 49-50, p. 219-242.
- GARCÍA-BELLIDO, M.ª P.; BLÁZQUEZ, C. (1995) - Formas y usos de las magistraturas en las monedas hispánicas. In GARCÍA-BELLIDO, M.ª P.; CENTENO, R. M. S., eds. - *La moneda hispánica: Ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Anejos del *Archivo Español de Arqueología*; 14), p. 381-427.
- GARCÍA-BELLIDO, M.ª P.; RIPOLLÈS, P. P. (1997a) - La monnaie: Prestige et espace économique des Ibères. In *Les Ibères*. Paris: Association Française d'Action Artistique; Madrid: Ministerio de Educación y Cultura; Barcelona: Fundación "la Caixa"; Bonn: Kunst- und Ausstellungshalle der Bundesrepublik Deutschland, p. 205-215.
- GARCÍA-BELLIDO, M.ª P.; RIPOLLÈS, P. P. (1997b) - [Comentários ao catálogo de moedas ibéricas]. In *Les Ibères*. Paris: Association Française d'Action Artistique; Madrid: Ministerio de Educación y Cultura; Barcelona: Fundación "la Caixa"; Bonn: Kunst- und Ausstellungshalle der Bundesrepublik Deutschland, p. 272-287.
- GARCÍA MORENO, L. A. (1993) - Mastienos y Bastetanos: un problema de la etnología hispana prerromana. In RODRÍGUEZ NEILA, J. F., ed. - *Actas del I Coloquio de Historia Antigua de Andalucía (Córdoba, 1988)*. I. Córdoba: Monte de Piedad y Caja de Ahorros, p. 201-211.
- GIL FARRÉS, O. (1966) - *La moneda hispánica en la Edad Antigua*. Madrid: Altamira.
- GÓMEZ-MORENO, M. (1943) - La escritura ibérica. *Boletín de la Real Academia de la Historia*. Madrid. 122:2, p. 251-278.
- GÓMEZ-MORENO, M. (1945) - Digresiones ibéricas: escritura, lengua. *Boletín de la Real Academia Española*. Madrid. 24, p. 275-288.
- GÓMEZ-MORENO, M. (1949) - *Misceláneas. Historia-arte-arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GÓMEZ-MORENO, M. (1961) - La escritura bástulo-turdetana (primitiva hispánica). *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*. Madrid. 69:2, p. 879-948.
- GÓMEZ PALLARÈS, J. (1997) - *Edición y comentario de las inscripciones sobre mosaico de Hispania. Inscripciones no cristianas*. Roma: "L'Erma" di Bretschneider.
- GONZÁLEZ ROMÁN, C.; MANGAS, J. (1991) - *Corpus de inscripciones latinas de Andalucía, Vol. III: Jaén. Tomo I*. Sevilla: Junta de Andalucía.
- GORROCHATÉGUI, J. (1984) - *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATÉGUI, J. (1987) - Situación lingüística de Navarra y sus aledaños en la antigüedad a partir de fuentes epigráficas. In *Primer Congreso General de Historia de Navarra (22-27 Septiembre 1986) 2. Comunicaciones*. Pamplona: Institución Príncipe de Viana (*Príncipe de Viana*, Anejo 7), p. 435-445).
- GORROCHATÉGUI, J. (1993a) - Las lenguas de los pueblos paleohispánicos. In ALMAGRO-GORBEA, M.; RUIZ ZAPATERO, G., eds. - *Los Celtas: Hispania e Europa*. Madrid: Actas, p. 409-429.
- GORROCHATÉGUI, J. (1993b) - La onomástica aquitana y su relación con la ibérica. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 609-634.
- GORROCHATÉGUI, J. (1994) - La aportación de la lingüística a la reconstrucción del poblamiento en el País Vasco. In *Illunzar 94. Problemática de la reconstrucción del poblamiento en el País Vasco: un enfoque preliminar (Museo Euskal Herria de Gernika, 1993)*. Gernika: Asociación Cultural de Arqueología AGIRI, p. 113-125.
- GORROCHATÉGUI, J. (1995a) - Los Pirineos entre Galia e Hispania: Las lenguas. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 12, p. 181-234.
- GORROCHATÉGUI, J. (1995b) - Basque names. In EICHLER, E. [et al.] - *Namenforschung. Ein internationales Handbuch zur Onomastik. 1. Teilband*. Berlin-New York: Walter de Gruyter, p. 747-756.
- GORROCHATÉGUI, J. (1995c) - The Basque language and its neighbors in Antiquity. In HUALDE, J. I.; LAKARRA, J. A.; TRASK, R. L., eds. - *Towards a history of the Basque language*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, p. 31-63.

- GUADÁN, A. M. de (1980) - *La moneda ibérica*. Madrid: Cuadernos de Numismática.
- GUERRA, A. M. R. (1998) - *Nomes pré-romanos de povos e lugares do Ocidente peninsular*. 2 vols. Lisboa: Ed. do Autor (tese policopiada).
- HEp = *Hispania Epigraphica*. Madrid: Universidad Complutense.
- DE HOZ, J. (1980) - Crónica de lingüística y epigrafía prerromanas de la Península Ibérica: 1979. *Zephyrus*. Salamanca. 30-31, p. 299-323.
- DE HOZ, J. (1981) - Algunas precisiones sobre textos metrológicos ibéricos. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 16, p. 475-486.
- DE HOZ, J. (1989) - El desarrollo de la escritura y las lenguas de la zona meridional. In AUBET, M.ª E., ed. - *Tartessos: arqueología protohistórica del Bajo Guadalquivir*. Sabadell: AUSA, p. 523-587.
- DE HOZ, J. (1991) - Epigrafía y lingüística paleohispánicas. *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*. Madrid. 30-31, p. 181-193.
- DE HOZ, J. (1992) - La inscripción de la falcata. In *Estudios de arqueología ibérica y romana. Homenaje a Enrique Pla Ballester*. Valencia: Diputación (Serie de Trabajos Varios; 89), p. 330-338.
- DE HOZ, J. (1993) - La lengua y la escritura ibéricas, y las lenguas de los iberos. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 635-666.
- DE HOZ, J. (1994a) - Presencia ibérica en las inscripciones griegas recientemente recuperadas en Ampurias y en Pech Mahó. In *Iberos y Griegos: lecturas desde la diversidad. Simposio internacional celebrado en Ampurias, 3 al 5 de abril de 1991 (Huelva Arqueológica)*. Huelva. 13(2), p. 245-271.
- DE HOZ, J. (1994b) - Notas sobre inscripciones meridionales de la Alta Andalucía. In MANGAS, J.; ALVAR, J., eds. - *Homenaje a José Mª Blázquez*. 2. Madrid: Ediciones Clásicas, p. 167-179.
- DE HOZ, J. (1995a) - Escrituras en contacto: ibérica y latina. In BELTRÁN, F., ed. - *Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en Occidente: Actas del Coloquio Roma y las primeras culturas epigráficas del Occidente mediterráneo (siglos II a.E. - I d.E.) (Zaragoza, 4 a 6 de noviembre de 1992)*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 57-81.
- DE HOZ, J. (1995b) - El poblamiento antiguo de los Pirineos desde el punto de vista lingüístico. In BERTRANPETIT, J.; VIVES, E., eds. - *Muntanyes i població: El passat dels Pirineus des d'una perspectiva multidisciplinaria*. Andorra La Vella: Centre de Trobada de les Cultures Pireniques, p. 271-297.
- DE HOZ, J. (1995c) - Áreas lingüísticas y lenguas vehiculares en el extremo Mediterráneo occidental. In LANDI, A., ed. - *L'Italia e il Mediterraneo antico. Atti del Convegno della Società Italiana di Glottologia (Fisciano-Amalfi-Raito, 4-5-6 novembre 1993)*. Pisa: Giardini, p. 11-44.
- DE HOZ, J. (1997a) - [Comentários ao catálogo de inscrições ibéricas]. In *Les Ibères*. Paris: Association Française d'Action Artistique; Madrid: Ministerio de Educación y Cultura; Barcelona: Fundación "la Caixa"; Bonn: Kunst- und Ausstellungshalle der Bundesrepublik Deutschland, p. 251-271.
- DE HOZ, J. (1997b) - L'écriture ibérique. In *Les Ibères*. Paris: Association Française d'Action Artistique; Madrid: Ministerio de Educación y Cultura; Barcelona: Fundación "la Caixa"; Bonn: Kunst- und Ausstellungshalle der Bundesrepublik Deutschland, p. 191-203.
- DE HOZ, J. (1998) - La epigrafía. *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*. Madrid. 38, p. 219-225.
- DE HOZ, J. (1999) - [Recensió a] J. Untermann (Mitwirkung von Dagmar Wodtke), *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1997, 758 págs., 7 mapas, varios cuadros e índices de palabras, fotografía y/o dibujo de la mayor parte de las inscripciones. ISBN 3-88226-892-1. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 72, p. 321-323.
- IGAI = RODRÍGUEZ SOMOLINOS, H. (1998) - Inscriptiones Graecae antiquissimae Iberiae [IGAI]. In MANGAS, J.; PLÁCIDO, D., eds. - *Testimonia Hispaniae Antiqua II A (T. H. A.)*. Madrid: Editorial Complutense; [Mérida]: Fundación de Estudios Romanos, p. 333-362.
- IRC III = FABRE, G.; MAYER, M.; RODÀ, I. (1991) - *Inscriptions romaines de Catalogne III. Gérone*. Paris: De Boccard.
- IRCP = ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) - *Inscrições romanas do conventus Pacensis*. Coimbra: Universidade.
- IRIGOYEN, A. (1987) - Cuestiones de toponimia vasca circumpirenaica. In CIERBIDE, R., ed. - *Pirenaico navarro-aragonés, gascón y euskera: V Cursos de Verano en San Sebastián*. Bilbao: Universidad del País Vasco, p. 71-156.
- IRIGOYEN, A. (1990) - *Sobre toponimia del País Vasco norpirenaico (observaciones en torno a la obra Toponymie basque de Jean-Baptiste Orpustan)*. Bilbao: Wilsen.
- IRMN = CASTILLO, C.; GÓMEZ-PANTOJA, J.; MAULEÓN, M. D. (1981) - *Inscripciones romanas del Museo de Navarra*. Pamplona: Comunidad Autónoma de Navarra.
- JAEGGI, O. (1999) - *Der Hellenismus auf der Iberischen Halbinsel: Studien zur iberischen Kunst und Kultur: das Beispiel eines Rezeptionsvorgangs*. Mainz am Rhein: von Zabern (Iberia Archaeologica; 1)
- JIMENO, R.; TOBALINA, E.; VELAZA, J. (1998) - Una nueva ara romana procedente de Ízcue (Navarra). *Epigraphica*. Faenza. 60, p. 290-294.
- JONGELING, K. (1994) - *North African Names from Latin Sources*. Leiden: CNWS.
- JORDÁN, C. (1997) - La raíz *eis- en la hidrotponimia de la Península Ibérica. *Beiträge zur Namenforschung*. Heidelberg. Neue Folge. 32:4, p. 417-455.

- JORDÁN, C. (1999) - Sobre la etimología de *Botorríta* y su confirmación en la onomástica prelatina. In VILLAR, F.; BELTRÁN, F., eds. - *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: Actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de Marzo de 1997)*. Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 471-480.
- LAMBRINO, S. (1956) - Les inscriptions latines inédites du Musée Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Nova série. 3, p. 5-73.
- LE BOHEC, Y. (1990) - *La Sardaigne et l'armée romaine sous le Haut-Empire*. Sassari: Carlo Delfino.
- LEJEUNE, M.; POUILLOUX, J.; SOLIER, Y. (1988) - Etrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho (Aude). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, p. 19-59.
- LLORENS, M.^a del M. (1998) - La imatge monetària del pobles ibers de la Citerior. In *La moneda en la societat ibèrica: II curs d'Història Monetària d'Hispania (26 i 27 de novembre de 1998)*. Barcelona: Museu Nacional d'Art de Catalunya, p. 49-65.
- LUJÁN, E. R. (1997) - La inscripción en caracteres ibéricos de Los Maillos (Belvis de la Jara, Toledo). *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 70, p. 275-280.
- LUJÁN, E. R. (1998) - Una nota sobre las inscripciones ibéricas de Vieille-Toulouse. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 15, p. 397-399.
- MANTAS, V. G. (1996) - Comércio marítimo e sociedade nos portos romanos do Tejo e do Sado. In FILIPE, G.; RAPOSO, J. M. C., eds. - *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado. Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal: Câmara Municipal; Lisboa: Dom Quixote, p. 343-370.
- MANTAS, V. G. (1998a) - Colonização e aculturação no Alentejo romano. *Arquivo de Beja*. Série 3. 7-8, p. 33-61.
- MANTAS, V. G. (1998b) - Navegação, economia e relações interprovinciais. Lusitânia e Bética. *Humanitas*. Coimbra. 50, p. 199-239.
- MARCO, F. (1998) - Entre el estereotipo y la realidad histórica: la emergencia de los pueblos pirenaicos antiguos. In RODRÍGUEZ NEILA, J. F.; NAVARRO, F. J., eds. - *Los pueblos prerromanos del Norte de Hispania: una transición cultural como debate histórico*. Pamplona: Universidad de Navarra, p. 51-87.
- MARINER, S. (1979) - La distribución de los fonemas ibéricos según textos en escritura griega y en semisilabario y según onomástica transmitida. In TOVAR, A. [et al.] - *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17-19 junio 1976)*. Salamanca: Universidad, p. 69-79.
- MAYER, M.; VELAZA, J. (1993) - Epigrafía ibérica sobre soportes típicamente romanos. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 667-682.
- MEZQUÍRIZ, M. A. (1991-1992) - Pavimento de "Opus signinum" con inscripción ibérica en Andelos. *Trabajos de Arqueología Navarra*. Pamplona. 10, p. 365-367.
- MICHELENA, L. (1954/1985) - De onomástica aquitana. *Pirineos*. Jaca. 10, p. 409-455 [= *Lengua e Historia*. Madrid: Paraninfo, p. 409-445].
- MICHELENA, L. (1955/1985) - Cuestiones relacionadas con la escritura ibérica. *Emerita*. Madrid. 33, p. 265-284 [= *Lengua e Historia*. Madrid: Paraninfo, p. 357-370].
- MICHELENA, L. (1957/1995) - Las antiguas consonantes vascas. In CATALÁN, D., ed. - *Misceláneas en homenaje a André Martinet, I*. La Laguna: Universidad, p. 113-157. [= The ancient basque consonants. In HUALDE, J. I.; LAKARRA, J. A.; TRASK, R. L., eds. - *Towards a History of the Basque Language*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, p. 31-63].
- MICHELENA, L. (1969/1987) - Notas lingüísticas a "Colección Diplomática de Irache". *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 1, p. 1-59 [= *Palabras y textos*. Bilbao: Universidad del País Vasco, p. 87-140].
- MICHELENA, L. (1974/1987) - El elemento latino-románico en la lengua vasca. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 6, p. 183-209 [= *Palabras y textos*. Bilbao: Universidad del País Vasco, p. 195-219].
- MICHELENA, L. (1977²) - *Fonética histórica vasca*. 2.^a ed. (1961¹). San Sebastián-Donostia: Diputación Foral de Gipuzkoa (Anejos del Seminario de Filología Vasca "Julio de Urquijo"; 4).
- MICHELENA, L. (1979) - La langue ibère. In TOVAR, A. [et al.], eds. - *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17-19 de junio de 1976)*. Salamanca: Universidad, p. 23-39.
- MICHELENA, L. (1997⁵) - *Apellidos vascos*. 5.^a ed. (1953¹). San Sebastián: Txertoa.
- MLH I = UNTERMANN, J. (1975) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band I: Die Münzlegenden*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH II = UNTERMANN, J. (1980) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band II: Die Inschriften in iberischer Schrift aus Südf frankreich*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH IV = UNTERMANN, J. (1997) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV: Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MORET, P. (1996) - Le nom de Toulouse. *Pallas*. Toulouse. 44, p. 7-23.

- NAVARRO, M.; MAGALLÓN, M. A. (1999) - Las ciudades del Prepirineo occidental y central en época alto-imperial: sus habitantes y su status. In GONZÁLEZ, J., ed. - *Ciudades privilegiadas en el Occidente romano*. Sevilla: Diputación-Universidad, p. 61-86.
- NIETO, E. (1997) - *Breve diccionario de topónimos españoles*. Madrid: Alianza.
- OLESTI, O. (1995) - *El territori del Maresme en època republicana (s. III - I aC): estudi d'arqueomorfologia i història*. Mataró: Caixa d'Estalvis Laietana.
- OLESTI, O. (1998) - Els inicis de la producció vinícola a Catalunya: el paper del món indígena. In *II Col.loqui Internacional d'Arqueologia Romana. El vi a l'Antiguitat, economia, producció i comerç al Mediterrani occidental: actes (Badalona 6/9 de Maig de 1998)*. Badalona: Museu (Monografies Badalonines; 14), p. 246-257.
- OROZ, F. J. (1987) - Sobre los epígrafes ibéricos de las ánforas de Vieille-Toulouse. In GORROCHATEGUI, J.; MELENA, J. L.; SANTOS, J., eds. - *Studia palaeohispanica. Actas del IV Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Vitoria/Gasteiz, 6-10 Mayo 1985)* [Veleia, 2-3, 1985-1986]. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, p. 355-370.
- OROZ, F. J. (1990) - Escarceos etimológicos. In VILLAR, F., ed. - *Studia indogermanica et palaeohispanica in honorem A. Tovar et L. Michelena*. Salamanca: Universidad, p. 331-349.
- OROZ, F. J. (1999) - Miscelanea hispánica. In VILLAR, F.; BELTRÁN, F., eds. - *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: Actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de Marzo de 1997)*. Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 499-534.
- ORPUSTAN, J.-B. (1987) - Les traces du gascon dans les noms des provinces, vallées, communes et quartiers historiques de Labourd, Soule et Basse-Navarre. In CIERBIDE, R., ed. - *Pirenaico navarro-aragonés, Gascón y Euskera. V Cursos de Verano en San Sebastián*. Bilbao: Universidad del País Vasco, p. 29-69.
- ORPUSTAN, J.-B. (1997³) - *Toponimie basque: Noms de pays, communes, hameaux et quartiers historiques de Labourd, Basse-Navarre et Soule*. 3^e éd. (1990¹). Bordeaux: Presses Universitaires.
- PANOSA, M. I. (1993) - Nuevas inscripciones ibéricas de Cataluña. *Complutum*. Madrid. 4, p. 175-222.
- PANOSA, M. I. (1996) - Elementos sobre la fase de bilingüismo y latinización de la población ibérica. In VILLAR, F.; ENCARNACÃO, J. d', eds. - *La Hispania prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13-15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, p. 217-246.
- PANOSA, M. I. (1999) - *La escritura ibérica en Cataluña y su contexto socioeconómico (siglos V-I a.C.)*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- PATTISON, W. (1981) - Iberian and Basque (morpho-syntactic comparison). *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 16, p. 487-522.
- PENA, M.^a J. (1995-1996) - Algunas consideraciones sobre la epigrafía funeraria de Carthago Nova. *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia. 11-12, p. 237-243.
- PÉREZ ALMOGUERA, A. (1996) - Las cecas catalanas y la organización territorial romano-republicana. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 69, p. 37-56.
- PÉREZ OROZCO, S. (1993a) - Observaciones sobre los sufijos ibéricos. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 25:2 (63), p. 221-229.
- PÉREZ OROZCO, S. (1993b) - Notas sobre onomástica ibérica. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 25:1 (62), p. 61-67.
- PÉREZ ROJAS, M. (1993) - Las inscripciones con escritura tartésica de la Cueva de La Camareta y su contexto onomástico (aportaciones sobre la "celtización" del mundo ibero-tartésico). In GONZÁLEZ BLANCO, A.; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, R.; AMANTE, M., eds. - *La Cueva de La Camareta (Agramón, Hellín-Albacete)*. Murcia: Universidad (Antigüedad y Cristianismo; 10), p. 139-266.
- PÉREZ VILATELA, L. (1992) - Ibérico "egiar" en un epígrafe de Caminreal (Teruel). In *Estudios de arqueología ibérica y romana. Homenaje a Enrique Pla Ballester*. Valencia: Diputación (Serie de Trabajos Varios; 89), p. 351-360.
- PÉREZ VILATELA, L. (1996) - Un probable rasgo eusquérico en el epígrafe celtibérico de Andelos (Andión). *Boletín de la Real Sociedad Bascongada de los Amigos del País*. Donostia-San Sebastián. 52:2, p. 519-531.
- PÉREZ VILATELA, L. (1998) - *Au(n)tigij* d'après un plomb greco-ibère de Sagonte (Valence). *Beiträge zur Namenforschung*. Heidelberg. Neue Folge. 33:2, p. 159-163.
- QUESADA, F.; GARCÍA-BELLIDO, M.^a P. (1995) - Sobre la localización de *Ikale(n)skén* y la iconografía de sus monedas. In GARCÍA-BELLIDO, M.^a P.; CENTENO, R. M. S., eds. - *La moneda hispánica: Ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Anejos del *Archivo Español de Arqueología*; 14), p. 65-73.
- QUINTANILLA, A. (1993) - Sobre el vocalismo de la lengua ibérica. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 727-737.
- QUINTANILLA, A. (1998) - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco (Veleia. Anejos. Serie Minor; 11).
- QUINTANILLA, A. (1999) - Las vibrantes en la lengua ibérica. In VILLAR, F.; BELTRÁN, F., eds. - *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: Actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de Marzo de 1997)*. Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 563-569.

- RAMÍREZ, J. L. (1988) - Antroponimia vascona y altomedieval navarra, factor de conocimiento étnico-lingüístico de un pueblo. In *Primer Congreso General de Historia de Navarra (22-27 Septiembre 1986)*. 3: *Comunicaciones, Edad Media (Príncipe de Viana; Anejo 8)*. Pamplona: Institución "Príncipe de Viana", p. 147-159.
- REMESAL J. (1977-1978) - La economía oleícola bética: nuevas formas de análisis. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 50-51, p. 87-142.
- RIPOLLÈS, P. P. (1986a) - *Monete ispaniche nelle collezioni italiane. Parte I*. Roma: Ministero per i Beni Culturali e Ambientali.
- RIPOLLÈS, P. P. (1986b) - *Monete ispaniche nelle collezioni italiane. Parte II*. Roma: Ministero per i Beni Culturali e Ambientali.
- RIPOLLÈS P. P. (1991-1993) - Les dracmes d'Arse amb anvers Atenea. *Acta Numismàtica*. Barcelona. 21-23 (= *Homenatge al Dr. Leandre Villaronga*), p. 117-132.
- RIPOLLÈS, P. P. (1999) - L'entrada en el món de la moneda. In RIPOLLÈS, P. P.; LLORENS, M.^a del M., eds. - *Els diners van i vénen*. València: Museu de Prehistòria, p. 23-43.
- RIVAS, E. (1991) - *Onomástica persoal do Noroeste hispano*. Lugo: Alvarellos.
- RIVAS, E. (1998) - Ríos primitivos do Noroeste. *El Museo de Pontevedra*. Pontevedra. 52 (= *Homenaxe a Xosé Filgueira Valverde*), p. 233-283.
- RIZZO, F. P. (1995) - La *Katoikia* di Strabone e l'*oppidum* di Plinio: una "colonia" di veterani a Panormo. *Kokalos*. Palermo. 41, p. 375-398.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (1995) - Nota a la inscripció ibèrica Tarragona C.18.8. *Pyrenae*. Barcelona. 26, p. 123-125.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (1999) - Introducción a la escritura ibérica: variante levantina. *Revista de Arqueología*. Madrid. 218, p. 6-13.
- ROMAN, D.; ROMAN, Y. - *Histoire de la Gaule (VI^e s. av. J. -C. - I^{er} s. ap. J.-C.): une confrontation culturelle*. Paris: Fayard.
- RPC I = BURNETT, A.; AMANDRY, M.; RIPOLLÈS, P. P. (1992) - *Roman Provincial Coinage, I: From the Death of Caesar to the Death of Vitellius (44 BC-AD 69)*. London: British Museum Press; Paris: Bibliothèque Nationale.
- RPC I, *Suppl.* = BURNETT, A.; AMANDRY, M.; RIPOLLÈS, P. P. (1998) - *Roman Provincial Coinage. Supplement I*. London: British Museum Press; Paris: Bibliothèque Nationale.
- SALINAS, M. (1999) - Guerra, trashumancia y ocupación del territorio del Suroeste peninsular durante la República romana. In GORGES, J.-G.; RODRÍGUEZ MARTÍN, F. G., eds. - *Économie et territoire en Lusitanie romaine*. Madrid: Casa de Velázquez (Coll. Casa de Velázquez; 65), p. 39-53.
- SANTIAGO, R.-A. (1994) - Enigmas en torno a *Saguntum y Rhoda. Faventia*. Barcelona. 16:2, p. 51-64.
- SANTOS, J. (1998) - Pueblos indígenas (autrigones, caristios y várdulos) y civitas romana. In RODRÍGUEZ NEILA, J. F.; NAVARRO SANTANA, F. J., eds. - *Los pueblos prerromanos del Norte de Hispania: una transición cultural como debate histórico*. Pamplona: Universidad de Navarra, p. 181-216.
- SANTOS, J.; EMBORUJO, A.; ORTIZ, E. (1992) - Reconstrucción paleogeográfica de autrigones, caristios y várdulos. In ALMAGRO-GORBEA, M.; RUIZ ZAPATERO, G., eds. - *Paleoetnología de la Península Ibérica: Actas de la reunión celebrada en la Facultad de Geografía e Historia de la Universidad Complutense. Madrid, 13-15 diciembre de 1989*. Madrid: Universidad Complutense [Complutum. Madrid. 2-3, 1992], p. 449-467.
- SCHATTNER, T. G. (1998) - Die Fundplätze. In SCHATTNER, T. G., ed. - *Archäologischer Wegweiser durch Portugal*. Mainz am Rhein: von Zabern, p. 57-209.
- SCHMOLL, U. (1956) - Turma Salluitana. *Glotta*. Göttingen. 35:3-4. p. 304-311.
- SILES, J. (1981) - Iberismo y latinización: nombres latinos en epígrafes ibéricos. *Faventia*. Barcelona. 3:1, p. 97-113.
- SILES, J. (1985) - *Léxico de inscripciones ibéricas*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- SILGO, L. (1988) - La antroponimia ibérica de Sagunto (1). *Arse*. Sagunto. 23, p. 767-77.
- SILGO, L. (1992) - *Textos ibéricos valencianos (Contestania, Edetania, Ilercavonia)*. Tese policopiada. Valencia: Universidad.
- SILGO, L. (1993) - Las inscripciones ibéricas de los mosaicos de Camínreal (Teruel) y Andelos (Navarra). In ADIEGO, I. J.; SILES, J.; VELAZA, J., eds. - *Studia palaeohispanica et indogermanica J. Untermann ab amicis hispanicis oblata*. Barcelona: Universitat (Aurea Saecula; 10), p. 281-286.
- SILGO, L. (1994) - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana.
- SILGO, L. (1996) - Epigrafía ibérica y epigrafía clásica. Algunos aspectos de su relación. In *Las lenguas paleohispánicas en su entorno cultural (Curso da la U.I.M.P.P. - Valencia, 4/9-X-1993)*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, p. 55-74.
- SILGO, L.; SANJOSÉ, M. Á. (1996-1997) - Nuevas reflexiones sobre la estampilla de Azaila (E.1.287). *Arse*. Sagunto. 30-31 [= Número especial dedicado a Facundo Roca Ribelles], p. 91-95.
- SILLIÈRES, P.; MAGALLÓN, M.^a Á.; NAVARRO, M. (1995) - El *municipium Labitulosanum* y sus notables: novedades arqueológicas y epigráficas. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 68, p. 107-130.
- SOLIER, Y.; BARBOUTEAU, H. (1988) - Découverte de nouveaux plombs, inscrits en ibère, dans la région de Narbonne. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, p. 61-94.
- STEVANI, A. (1998) - La diffusione delle anfore olearie di forma Dressel-20 in Italia settentrionale. *Rassegna di Studi del Civico Museo Archeologico e del Civico Gabinetto Numismatico di Milano*. Milano. 61-62, p. 49-66.
- STYLOW, A. U.; LÓPEZ MELERO, R. (1995) - Epigraphische Miscellen aus der Provinz Jaén. 1. Eine Grabbuße zugunsten der Res publica Aiungitanorum. *Chiron*. München. 25, p. 357-386.

- TCHERNIA, A. (1999) - Une autre hypothèse sur les inscriptions peintes en caractères ibériques de Vieille-Toulouse. *Pallas*. Toulouse. 50 [= *Mélanges Claude Domergue*, 2], p. 101-105.
- TIR, K-30 = *TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja K-30: Madrid. Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Caesar Augusta-Clunia*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente-Ministerio de Cultura, 1993.
- TOVAR, A. (1949) - Las monedas saguntinas y otras notas sobre inscripciones ibéricas. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. Valladolid. 15:49-50, p. 23-34.
- TOVAR, A. (1951) - Léxico de inscripciones ibéricas. In *Estudios dedicados a Menéndez Pidal*, 2. Madrid: CSIC, p. 273-323.
- TOVAR, A. (1960) - Lenguas prerromanas no indoeuropeas: testimonios antiguos. In *Enciclopedia Lingüística Hispánica*, I. Madrid: CSIC, p. 5-26.
- TOVAR, A. (1961) - Lengua y escritura en el sur de España y de Portugal. *Zephyrus*. Salamanca. 12, p. 187-196.
- TOVAR, A. (1977) - El nombre de Pamplona. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 9 (25), p. 5-8.
- TOVAR, A. (1979) - Notas lingüísticas sobre monedas ibéricas. In TOVAR, A. [et al.] - *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17-19 junio 1976)*. Salamanca: Universidad, p. 473-489.
- TOVAR, A. (1987) - Lenguas y pueblos de la antigua Hispania: lo que sabemos de nuestros antepasados protohistóricos. In GORROCHATEGUI, J.; MELENA, J. L.; SANTOS, J., eds. - *Studia palaeohispanica. Actas del IV Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Vitoria/Gasteiz, 6-10 Mayo 1985) [Veleia. Vitoria-Gasteiz. 2-3, 1985-1986]*, Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, p. 15-34.
- TRASK, R. L. (1997) - *The History of Basque*. London-New York: Routledge.
- UNTERMANN, J. (1976) - Las leyendas monetales. In JORDÁ, F.; DE HOZ, J.; MICHELENA, L., eds. - *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Salamanca, 27-31 Mayo 1974)*. Salamanca: Universidad, p. 213-225.
- UNTERMANN, J. (1979) - Eigennamen auf iberischen Inschriften. In TOVAR, A. [et al.] - *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17-19 junio 1976)*. Salamanca: Universidad, p. 41-67.
- UNTERMANN, J. (1987) - Repertorio antropónimo ibérico. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 17, p. 289-317.
- UNTERMANN, J. (1991-1993) - Intercanvi epistolar en un plom ibèric? *Acta Numismàtica*. Barcelona. 21-23 (= *Homenatge al Dr. Leandre Villaronga*), p. 93-100.
- UNTERMANN, J. (1992) - Quelle langue parlait-on dans l'Hérault pendant l'Antiquité?. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 25, p. 19-27.
- UNTERMANN, J. (1993-1994) - Comentario a la inscripción musiva de Andelos. *Trabajos de Arqueología Navarra*. Pamplona. 11, p. 127-129.
- UNTERMANN, J. (1995a) - La lengua ibérica: nuestro conocimiento y tareas futuras. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 12, p. 243-256.
- UNTERMANN, J. (1995b) - La latinización de Hispania a través del documento monetar. In GARCÍA-BELLIDO, M.ª P.; CENTENO, R. M. S., eds. - *La moneda hispánica: Ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Anejos del *Archivo Español de Arqueología*; 14), p. 305-316.
- UNTERMANN, J. (1995c) - Die vorrömischen Namen in Hispanien und Aquitanien. In EICHLER, E. [et al.] - *Namenforschung. Ein internationales Handbuch zur Onomastik. 1. Teilband*. Berlin-New York: Walter de Gruyter, p. 738-746.
- UNTERMANN, J. (1996a) - Los plomos ibéricos: estado actual de su interpretación. In *Las lenguas paleohispánicas en su entorno cultural (Curso da la U.I.M.P.P. - Valencia, 4/9-X-1993)*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, p. 75-108.
- UNTERMANN, J. (1996b) - Comentarios sobre textos ibéricos inscritos en vasos de plata que aparecieron junto con tesoros de monedas, de época republicana. In CHAVES, F. - *Los tesoros en el Sur de Hispania. Conjunto de denarios y objetos de plata durante los siglos II y I a.C.* Sevilla: Fundación El Monte, p. 703-714.
- UNTERMANN, J. (1996c) - La frontera entre las lenguas ibérica y celtibérica en las provincias actuales de Zaragoza y Teruel. In *Homenaje a Purificación Atrián*. Teruel. Diputación Provincial, p. 177-189.
- UNTERMANN, J. (1996d) - Onomástica. In BELTRÁN, F.; DE HOZ, J.; UNTERMANN, J., eds. - *El tercer bronce de Botorrita*. Zaragoza: Diputación General de Aragón, Departamento de Educación y Cultura, p. 109-166.
- UNTERMANN, J. (1997) - El tercer bronce de Botorrita y la antroponimia ibérica. *Arse*. Sagunto. 28-29 [número especial dedicado a Domingo Fletcher Valls], p. 199-215).
- UNTERMANN, J. (1998a) - La onomástica ibérica. *Iberia*. Logroño. 1, p. 73-85.
- UNTERMANN, J. (1998b) - Puplipor. Römische Sklavennamen in Contrebia Belasica. In ROLLE, R.; SCHMIDT, K.; DOCTER, R. F., eds. - *Archäologische Studien in Kontaktzonen der antiken Welt*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht (Veröffentlichung der Joachim-Jungius-Gesellschaft der Wissenschaften, Hamburg; 87), p. 645-654.
- UNTERMANN, J. (1998c) - Comentario sobre una lámina de plomo con inscripción ibérica de la colección D. Ricardo Marsal, Madrid. *Habis*. Sevilla. 29, p. 7-21.
- UNTERMANN, J. (1999) - La aportación lingüística de los antropónimos del "Bronce de Botorrita III". In VILLAR, F.; BELTRÁN, F., eds. - *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: Actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de Marzo de 1997)*. Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 635-649.

- VALLADOLID, J. (1997) - La epigrafía ibérica: estado actual de los estudios. *Tempus*. Madrid. 17, p. 5-53.
- VALLADOLID, J. (1998) - La estela inscrita ibérica conocida como "lápida de Liria": una nueva lectura. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 15, p. 241-256.
- VAN DONZEL, E.; LEWIS, B.; PELLAT, Ch., eds. (1978) - *Encyclopédie de l'Islam. Nouvelle édition. Tome IV: IRAN-KHA*. Leiden: Brill.
- VELAZA, J. (1991a) - *Léxico de inscripciones ibéricas (1976-1989)*. Barcelona: Universitat (Aurea Saecula; 4).
- VELAZA, J. (1991b) - Consideraciones en torno a la inscripción ibérica de Caminreal. *AIÖN*. Napoli. 13, p. 291-295.
- VELAZA, J. (1992) - Βασπεδ- sur le plomb grec d'Emporion: un anthroponyme ibérique? *Beiträge zur Namensforschung*. Heidelberg. Neue Folge. 27:3-4, p. 264-267.
- VELAZA, J. (1993) - Notas de epigrafía romana de Navarra. *Príncipe de Viana*. Pamplona. 198, p. 75-82.
- VELAZA, J. (1995) - Epigrafía y dominios lingüísticos en territorio de los Vascones. In BELTRÁN, F., ed. - *Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en Occidente: Actas del Coloquio Roma y las primeras culturas epigráficas del Occidente mediterráneo (siglos II a.E. - I d.E.) (Zaragoza, 4 a 6 de noviembre de 1992)*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 209-218.
- VELAZA, J. (1996a) - Cronica epigraphica Iberica: hallazgos de inscripciones ibéricas en Levante, Cataluña, Aragón y Navarra (1989-1994). In VILLAR, F.; ENCARNACIÓN, J. d', eds. - *La Hispania prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13-15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, p. 311-337.
- VELAZA, J. (1996b) - *Epigrafía y lengua ibéricas*. Madrid: Arco Libros.
- VELAZA, J. (1998a) - La epigrafía monetaria paleohispánica: breve estado de la cuestión. In *La moneda en la sociedad ibérica: II curs d'Història Monetària d'Hispania (26 i 27 de novembre de 1998)*. Barcelona: Museu Nacional d'Art de Catalunya, p. 67-84.
- VELAZA, J. (1998b) - La evolución de la ciudad romana de Andelo a la luz de los testimonios epigráficos. In RODRÍGUEZ COLMENERO, A., ed. - *Los orígenes de la ciudad en el Noroeste hispánico. Actas del Congreso Internacional (Lugo 15-18 de Mayo 1996)*. I. Lugo: Facultade de Humanidades, p. 623-642.
- VICENTE, J. D.; PUNTER, M.ª P.; ESCRICHE, C.; HERCE, A. I. (1991) - La Caridad (Caminreal, Teruel). In *La casa urbana hispanorromana (Zaragoza, 16 al 18 de noviembre de 1988)*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 81-129.
- VICENTE, J. D.; PUNTER, M.ª P.; ESCRICHE, C.; HERCE, A. I. (1993) - Las inscripciones de la "casa de Likine". In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 747-772.
- VILLAR, F. (1996²) - *Los Indoeuropeos y los orígenes de Europa*. 2.ª ed. (1991¹). Madrid: Gredos.
- VILLAR, F. (1999) - Los topónimos meridionales de la serie ipo. In VILLAR, F.; BELTRÁN, F., eds. - *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: Actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de Marzo de 1997)*. Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 685-718.
- VILLAR, F. (2000) - *Indoeuropeos y no indoeuropeos en la Hispania Prerromana: las poblaciones y las lenguas prerromanas de Andalucía, Cataluña y Aragón según la información que nos proporciona la toponimia*. Salamanca: Universidad.
- VILLARONGA, L. (1978) - *Las monedas ibéricas de Ilerda*. Barcelona: Asociación Numismática Española.
- VILLARONGA, L. (1979) - *Numismática antigua de Hispania*. Barcelona: Cymys.
- VILLARONGA, L. (1998) - Metrología de las monedas de la península Ibérica. *Acta Numismática*. Barcelona. 28, p. 53-74.